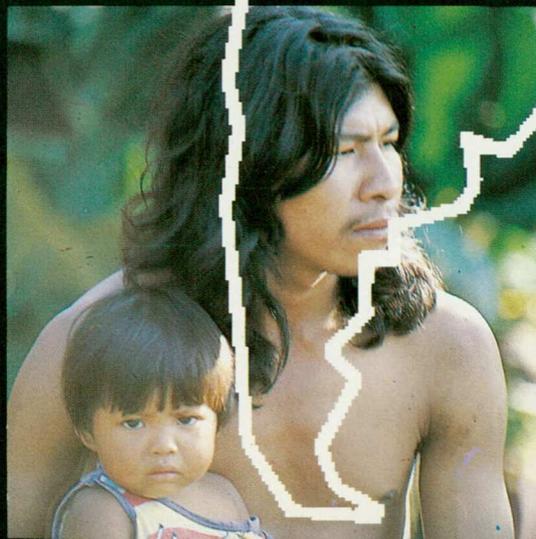
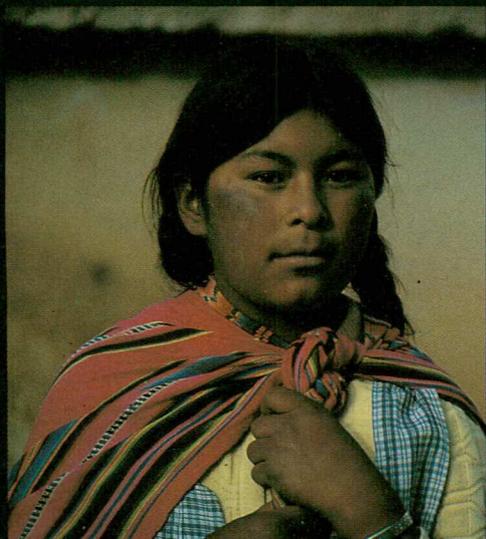
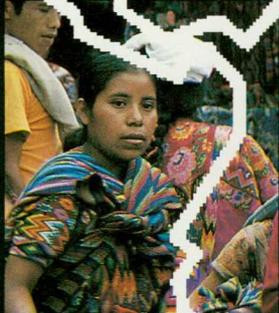
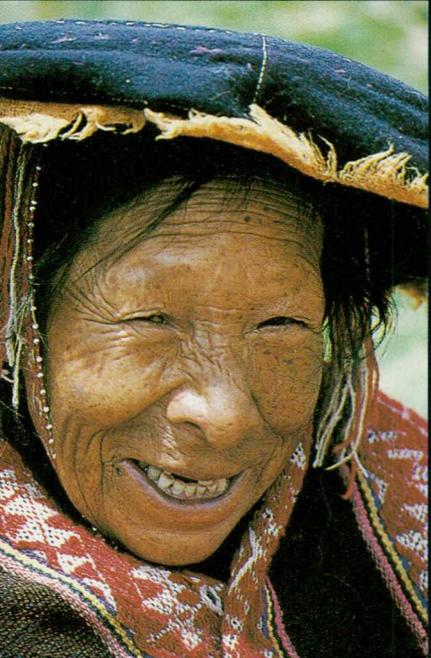
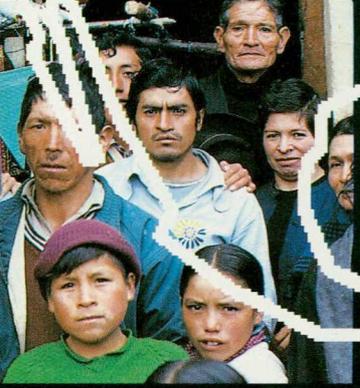
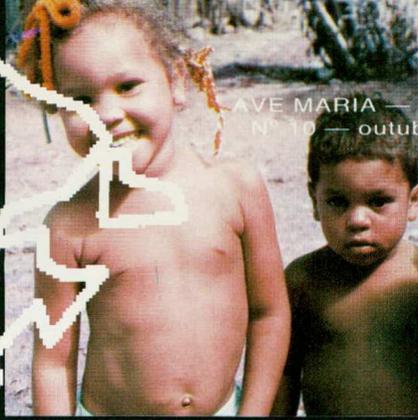
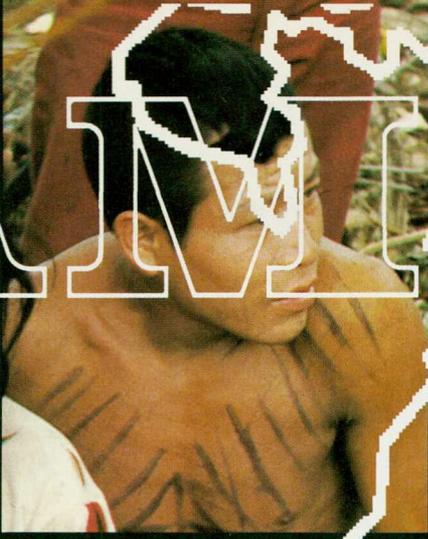
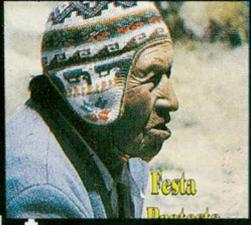


AMÍ

AVE MARIA — REVISTA — ANO XCIV
Nº 10 — outubro 1992 — Cr\$ 5.500,00

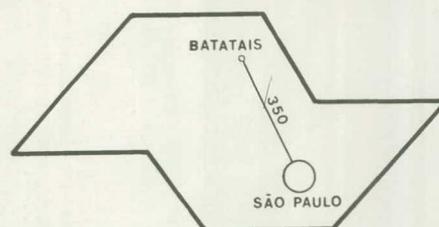


ESTUDE EM BATATAIS, SP

FACULDADES CLARETIANAS

Cursos

- Educação Física
- Fisioterapia
- Ciências e Matemática
- Pedagogia
- Filosofia



Vestibulares

- Carteira de identidade
- 2 fotos 3X4
- Comprovante de conclusão de 2º Grau



Inscrições

Período de novembro a janeiro de 2ª a 6ª - feira das 8 hs às 12 hs; das 14 hs às 17 hs; das 19 hs às 22 hs; sáb. das 8 hs às 12 hs.

Tel.: (016) 761-4777
Rua Dom Bosco, nº 466 - Caixa Postal 4
CEP 14 300-000 - Batatais - S. P.

4. A IGREJA NO MUNDO

Notícias

6. A PALAVRA DO PAPA

Dia Mundial das Missões

Não podemos ficar indiferentes, quando milhões de pessoas, vivem sem um verdadeiro conhecimento do amor de Deus.

7. 12 de outubro de 1492

Diário de Bordo de Cristóvão Colombo ao pisar na América pela 1ª vez.

8. Declaração do Conselho

Mundial dos Povos Indígenas em Porto Alberni, 1975.

9. O sermão de Montesinos

Naquela época Frei Antônio de Montesinos e companheiros de ordem denunciaram veementemente a situação de injustiça em que viviam os índios, escravizados pelos espanhóis.

12. Por que a perseguição religiosa de 1936 na Espanha?

Dia 25 de outubro 51 mártires claretianos de Barbastro, Espanha serão proclamados Bem-aventurados pelo papa João Paulo II, em Roma..

16. No seguimento de Jesus Cristo

Ser cristão é seguir Jesus em suas atitudes, com sua prática, por sua própria opção.

17. Mártires Claretianos de Barbastro

51 claretianos foram sacrificados em cinco grupos durante o mês de agosto: nos dias 2, 12, 13, 15 e 18.

26. MEU LAR, MINHA ALEGRIA

A criança, uma reflexão

No dia da criança, a primeira idéia que nos vem à cabeça é a de presentear com brinquedos e mimos aos nossos filhos. Mas nos esquecemos da compreensão, o carinho, o bate-papo.

30. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA

De 06/12 a 03/01/93

35. RELENDO A BÍBLIA

Crônicas

36. PÁGINA INFANTIL

O vestido novo

AMAR A JUSTIÇA E ODIAR A INIQUIDADE

Há 500 anos, um forte ideal aventureiro somado à ganância de conquistar novas colônias, renomados navegadores desembarcaram nesse lado do Atlântico. Foi uma grande descoberta para a ignorância deles. Isto é, eles não conheciam esse Novo Mundo, na época Abia Yala (terra em plena maturidade. Abia, significa mãe ou virgem madura. Yala terra, território), na língua dos índios Kuna, o continente Americano como um todo.

Naquele tempo não havia nenhum escrúpulo em pôr os pés nessa terra e dizer: isso tudo é meu. Se por um lado foi uma surpresa muito grande ter encontrado gente por essas terras, também não provocou nem o mínimo questionamento sobre ser ou não correto apossar-se dela e dominá-la.

A história nos conta que foram muitas as escaramuças e guerras travadas entre os “emissários” de El Rey e os chamados índios. Estes, é claro, não estavam concordando com os invasores, e também não queriam ser escravos.

Os números da época são de arrepiar: estima-se que em 1500 a população mundial era de uns 400 milhões, dos quais 80 estavam nas Américas. Em meados do século XVI, esses 80 milhões caíram para 10 milhões. Mas, o mais triste é que essa aventura veio com a “bênção” da religião vigente.

Este número da revista Ave Maria, traz alguns depoimentos de nativos e de outras vozes, cujo grito, foi uma acusação contra a opressão e a desumanidade.

O tratamento opressor dos aventureiros era intragável e clamava aos céus. O domínio foi iníquo e perverso; a ganância, outro nome da idolatria, ceifou milhões de vidas em nome de El Rey.

A revista quer também homenagear os 51 mártires claretianos de Barbastro, Espanha. Pois, neste mês o papa João Paulo II vai solenemente beatificá-los. Esses religiosos foram executados por não consentirem em negar a fé em Cristo, apesar de pressionados psicologicamente e fisicamente ao extremo.

Um momento histórico muito triste, 1936, em que irmãos de pátria encetando uma guerra sangrenta entre si, enlutaram milhares de famílias. A Família claretiana perdeu então 365 religiosos pelo simples fato de serem religiosos e hoje quer homenageá-los nos 51 mártires. Estamos certos que o sangue desses irmãos dará forças aos atuais 2.995 missionários (da congregação masculina) e as milhares de missionárias das cinco congregações femininas espalhadas por 50 países do mundo, além do Movimento dos Leigos Claretianos presentes em diversos países, inclusive Brasil. No centro dessa revista (p. 14) um encarte especial homenagea esses nossos irmãos.

No dia 24 comemoramos o dia de Santo Antônio Maria Claret, o fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria (Claretianos), nascido em Sallent, Espanha aos 23 de dezembro de 1807, foi missionário, bispo em Cuba e Espanha, falecendo em 24 de outubro de 1870. Um homem de fibra e ardoroso zelo missionário. Seu lema episcopal é hoje a força de seus filhos: “Charitas Christi Urget Nos” (A caridade de Cristo nos impele). Em seus últimos dias deixou-nos como herança a síntese e o espírito de um verdadeiro missionário: “Amei a Justiça e abominei a iniquidade...”

(Autobiografia de S. A. M. Claret).

P. C. G.

Atentado contra membro da CPT

A Comissão Pastoral da Terra (CPT), informa que "dia 14/08/92, por volta das 22 h e 15 min, o Sr. Nivaldo Vieira do Nascimento, agente da Comissão Pastoral da Terra em Conceição do Araguaia (PA) e assessor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, no mesmo Município, pai de quatro filhos menores, sofreu um atentado. Nivaldo se encontrava na área dos fundos de sua casa guardando o carro, na escuridão, quando ouviu dois tiros em sua direção, que passaram a alguns centímetros de sua cabeça e que bateram na porta de cozinha. O Sr. Nivaldo suspeita do fazendeiro Francisco da Silva Rabelo, que no dia anterior, por telefone, o ameaçara de morte. Este fazendeiro, conhecido por ser violento, está obstaculando a demarcação que os técnicos do INCRA estão querendo realizar na área da fazenda Centro da Mata, desapropriada, com imissão de posse desde 1988, no Município de Conceição do Araguaia (PA). O Advogado da

CPT, em Conceição do Araguaia, pede providências urgentes às autoridades na apuração dos fatos e garantia de vida para o Sr. Nivaldo.

(Notícia CNBB)



Eleições 1992

"A política é arte de pedir votos aos pobres, pedir dinheiro aos ricos e depois, mentir para os dois". É isso que fazem seus candidatos? Esta frase foi dita por um certo candidato que tentou ser sincero, pelo menos um pouco". Assim inicia uma breve reflexão publicada no "Entre irmãos", Informativo da Prelazia de Coxim (MS). O texto cita uma expressão do Papa Paulo VI que diz: "Política é uma maneira privilegiada de praticar a caridade". É uma orientação da Prelazia de

Coxim a fim de conscientizar as comunidades sobre a necessidade e importância de votar e votar bem nos próprios municípios. "pois a boa ou má política não começa em Brasília, mas ali no seu município", diz o texto.

(Notícia CNBB)

Ecumenismo

Uma celebração ecumênica sobre o tema "Dez anos de unidade: inspiração inicial, êxitos e desafios" será promovida em São Paulo, em 18 de novembro deste ano, pelo CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil). A celebração marcará o décimo aniversário de fundação desse organismo ecumênico. Segundo o secretário executivo do CONIC, pastor Ervino Schmidt, uma marca dos 10 anos do CONIC, nesta década, tem sido "a constante busca de respostas evangélicas para os problemas que afligem a sociedade brasileira". Integram o CONIC as Igrejas Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada do Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Metodista, Presbiteriana

Unida do Brasil e Católica Ortodoxa Siriana do Brasil

(AGEN)

Estatuto do Índio

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em nota à imprensa, divulgada na semana passada, diz que o projeto para novo Estatuto do Índio exclui direitos garantidos na Constituição. A Nota do Cimi afirma que os povos indígenas do Brasil correm o risco de ver seus direitos garantidos na Constituição fora da nova lei indigenista que está sendo discutida no Congresso Nacional. O Cimi teme que o texto a ser apresentado venha a ser pior do que o atual Estatuto do Índio, desconsiderando todos os avanços garantidos pela Constituição.

(Notícia CNBB)

Refugiados Guatemaltecos

A Igreja Católica da Guatemala expressou recentemente sua preocupação pelas condições que os refugiados guatemaltecos no México encontrarão quando retornarem à Guatemala. Uma comissão governamental está preparando a volta dos milhares de camponeses guatemaltecos que fugiram para o México a fim de escaparem da violência em sua terra natal. Em recente Carta Pastoral, a Conferência Episcopal da Guatemala reconhece que as atuais condições de crise pela qual atravessa o país não são as me-

AM AVE MARIA é uma publicação da Editora Ave Maria Ltda. (CGC 60.494.200/0001-70) **Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos**. Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) nº 14 696

Administração: Hely Vaz Diniz

Preparação e revisão: Avelino S. de Godoy.

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - Vila Buarque - CEP 01226 - 000 - São Paulo.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx P. 6226 CEP 01064 - 970 - São Paulo, SP.

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo, vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: Renovação de assinatura: Cr\$ 55.000,00

Assinatura nova: Cr\$ 55.000,00, Números avulso: Cr\$ 5.500,00

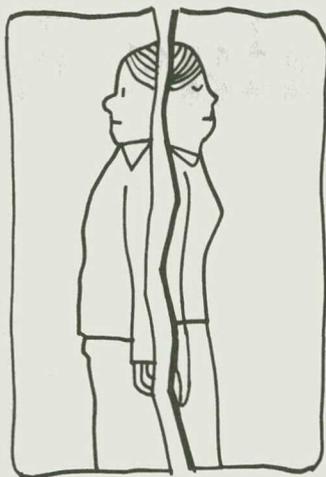
Faça sua assinatura por telefone. TELEFONE A COBRAR.

Foto da capa



lhores para a repatriação de milhares de camponeses. A maioria da população desse país encontra-se em agustante situação de pobreza e uma grande parte vive em extrema penúria. Além disso, o problema da terra, que interessa de maneira direta aos camponeses repatriados, continua sendo uma questão sem solução na Guatemala.

(Notícia CNBB)



Revista Sem Fronteiras

A Revista Missionária "Sem Fronteiras", que está completando 20 anos de existência, realizou dias 8 e 9 de agosto, em São Paulo (SP), seminário de estudo e avaliação dos seus trabalhos. Participaram 50 pessoas, incluindo comunicadores, leitores e representantes de entidades civis e eclesiais. Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo, participou da abertura do seminário. O processo de avaliação de "Sem Fronteiras" teve início há meses e refere-se ao conteúdo, produção gráfica e divulgação. Segundo seu Diretores, "Sem Fronteiras" reafirma sua linha editorial, tentando responder criativamente aos desafios que se impõem à atividade missionária dentro da atual conjuntura da Igreja e da sociedade. No final do Seminário concluiu-se que a Revista "sai fortalecida do processo de avaliação, disposta a aprender do diálogo com diferentes forças, para buscar, assim, caminhos novos e atualizar o compromisso do anúncio da Boa Nova do Evangelho através da imprensa".

(Notícia CNBB)

Semana da família

De 19 a 25 de outubro de 1992 será realizada mais uma Semana da Família em nível nacional. Para ajudar os diversos grupos e pastorais a refletir sobre o tema foram elaborados subsídios e cartazes. A distribuição do material iniciou-se a partir de 15 de setembro próximo. Os pedidos podem ser encaminhados para: João Bosco Lugnani - Rua Jaime Reis, 369 - Curitiba - PR - 80001-970. Fone (041) 224-3921.

(Notícia CNBB)

Romaria de Canudos

Dia 24 de outubro próximo a Diocese de Paulo Afonso (BA), realizará a 5ª Romaria da Terra de Canudos. O espírito da Romaria está expresso no texto: "os opressores buscam na história a defesa dos seus interesses e nós buscamos nela inspiração para reforçar nossa luta, no desejo de ver triunfar a verdade e a vida para todos". A Romaria será em Alto do Mário, Município de Ca-

nudos. O tema é: o Resgate da Cultura Sertaneja e o lema "Canudos — a Cultura Sertaneja encontra chão".

(Notícia CNBB)

Golpe contra os Índios

Depois dos pronunciamentos contundentes de empresários, militares, políticos e governadores dos Estados da Amazônia contra a demarcação das terras indígenas, os índios sofrem agora com golpe desfechado pelo presidente da República. O Aviso nº 745/SG-PR, que condiciona o ato de demarcação ao parecer de órgãos como o DNPM, Eletrobrás, Embrapa e EMFA, foi recebido pelos índios como mais um golpe do governo e uma clara submissão da política indigenista aos interesses militares e econômicos.

Em nota dirigida à imprensa, a Coiab — Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira —, considera que "o modo de agir de muitos parece ser influenciado pelos atos de nossos dirigentes e polí-

ticos cujas trapaças são demonstrações públicas sobre o quanto defendem interesses escusos de grupos econômicos ou particulares, apelando sem medo para a corrupção, a manipulação e a ilegalidade", tendo reflexos inclusive na questão indígena.

Para a Coiab, nunca houve intenção dos militares em reconhecer e demarcar as terras indígenas. "O processo demarcatório das terras indígenas que já se encontram praticamente paralisados não terão qualquer possibilidade com a nova lei de contemplar as necessidades urgentes dos povos indígenas, de garantir a sua sobrevivência física e a preservação de seus territórios" denunciam os índios.

A crise política que o governo atravessa é outra preocupação para os índios. Eles temem que os retrocessos na política indigenista sejam ainda maiores caso os militares venham a assumir o governo. "O retrocesso em consequência das medidas adotadas através do Aviso do presidente já é um sinal do que vem pela frente", prevê Amarildo Machado, coordenador de Comunicação da Coiab.

(AGEN)

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos aos senhores assinantes que ao serem visitados por **cobradores de assinaturas** não conhecidos pedissem a credencial. Todos os nossos representantes, têm credencial fornecido pela Revista Ave Maria e seus nomes estão relacionados neste aviso.

A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggianin (RS); Arnaldo Oliveira Reis (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Genésio Fernandes Lopes (RS); Ildo José Riva (MT); ; José Lázaro Diniz (MG); João Ferreira Menezes (SP); João Batista Teixeira (SP); José Batista Vaz (SP); Sérgio Pierozan (SP); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); José Maria Martins Dias (região nordeste do Brasil); Mauro Donizeti Câmara (SP) e nosso irmão claretiano Nelson Gustavo Kerntopf (ES, GO e Brasília).

EXIGA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Dia mundial das Missões

Mensagem de João Paulo II

Caríssimos irmãos e irmãs!

O dia Mundial das Missões, (18 de outubro) instituído por Pio XI, por solicitação da Obra da Propagação da Fé no ano de 1926, convoca-nos, cada ano, no espírito de unidade e universalidade da Igreja, para renovada consciência da responsabilidade de todos e de cada um na difusão da mensagem evangélica.

Não podemos permanecer indiferentes, quando pensamos em milhões de pessoas que, como nós, foram reunidas pelo sangue de Cristo, mas vivem sem um verdadeiro conhecimento do amor de Deus. Dois terços da humanidade, hoje, ainda não conhecem Cristo; esses têm necessidade d'Ele e da sua mensagem de salvação.

Porque a Igreja é, por sua própria natureza, missionária, a evangelização é um dever e um direito para cada um dos seus membros (cf. LG 17; AG 28, 35-38). O Senhor Jesus chama-nos a sair de nós mesmos e a partilhar com os outros os bens que possuímos, a começar pelo dom da nossa fé, a qual não pode ser considerada um privilégio individual, mas um dom a ser partilhado com aqueles que ainda não o receberam. De tal empenho a própria fé certamente será fortalecida, porque essa se reforça ao ser doada.

Como discípulo de Cristo, ofereçamos, também nós, a nossa vida a Deus, por meio de Cristo, o primeiro Missionário.

É necessário que o nosso espírito de sacrifício se expresse de maneira concreta e visível. Para alguns isto poderá consistir na generosa corres-

pondência à vocação missionária, "partindo" para anunciar o Evangelho lá onde o Espírito os conduz.

No contexto do V Centenário da evangelização da América, recordamos os missionários que, partindo da Europa, anunciaram o Evangelho aos povos deste continente. Celebramos este evento na humildade e na verdade, agradecendo a Deus os benefícios espirituais concedidos a estes antigos e nobres povos.

Hoje, nós vemos com alegria que os missionários não vêm somente das Igrejas de antiga evangelização, mas também das Igrejas da África, da Ásia e da América Latina. Em diversos países de missão continua, precioso e indispensável, o trabalho dos catequistas locais, os quais são movidos por um profundo espírito missionário que os torna animadores incansáveis de fé e de esperança.

Se nem todos são chamados a uma vocação específica para a missão "ad gentes", todos, no entanto, devem fazer crescer o espírito e o empenho missionários em si mesmos e nas próprias comunidades eclesiais. Contudo, é no seio da vida familiar que os leigos desenvolvem o amor pela vocação missionária (Ad Gentes 41), visto que a família cristã, como "Igreja doméstica", é um lugar privilegiado de evangelização missionária.

Na prospectiva do Jubileu da Encarnação no ano 2.000, antevejo a aurora de uma nova era missionária. Ao lado de aspectos negativos não faltam, no mundo de hoje, sinais de crescente orientação da humanidade para os ideais do Evangelho. Tais são,



por exemplo, a rejeição da violência e da guerra; o respeito pela pessoa humana e por seus direitos; o desejo de liberdade, de justiça e de fraternidade.

"A Esperança cristã sustenta-nos num empenho profundo a favor da nova evangelização e da missão universal, fazendo-nos rezar como Jesus nos ensinou: "Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu" (Mt 6, 10)" São motivos de grande esperança o multiplicar-se das vocações missionárias, especialmente nas jovens Igrejas, e a ajuda fraterna que as Igrejas fazem com o intercâmbio dos sacerdotes, segundo o espírito da Encíclica "Fidei Donum".

Desejo concluir a Mensagem com uma saudação afetuosa para com os operários do Evangelho espalhados em todo o mundo. Encontrem em Maria, a Mulher do "SIM" incondicional a Deus, o modelo e inspiradora para um generoso compromisso apostólico.

Com estes vostos no coração, a minha Bênção.

Vaticano, 7 de junho de 1992

O concílio dos pobres

Frei Betto

Dom Ivo Lorscheiter, ex-presidente da CNBB e bispo de Santa Maria (RS), acolheu em sua diocese, no dia 12 de setembro, o 8º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Cerca de três mil participantes, indicados pelas CEBs de todo o País, numa preparação que já dura três anos, debateram, à luz dos 500 anos de conquista e evangelização da América Latina, o tema “Povo de Deus renascendo das culturas oprimidas”. O intereclial é precedido do 4º Encontro Latino-Americano de CEBs. No dia 7, em São Paulo, a Pastoral Operária estava reunindo peregrinos de cinco Estados na 7ª Romaria dos Trabalhadores a Aparecida do Norte, que, ano passado, mobilizou 150 mil fiéis.

Os participantes do encontro das CEBs estiveram distribuídos em sete grupos temáticos: negro, mulher, índio, camponês, operário, migrante e marginalizado. São essas as vítimas destes cinco séculos de colonialismo e neocolonialismo. Relegadas à pobreza, souberam criar culturas de resistência, de modo a impedir a destruição de valores como a partilha, a solidariedade, a identidade própria, o respeito aos idosos e o carinho às crianças. Embora a Igreja tenha sido cúmplice da empresa colonizadora, responsável também pelo genocídio e ecocídio que tanto afetaram o continente, hoje as CEBs regatam, centradas na reapropriação da Bíblia pela ótica dos pobres, aqueles valores evangélicos que já eram encontrados nas culturas autóctones, tanto indígena quanto negras.

Há quem indague se as CEBs não estariam perdendo espaço no Brasil,



sobretudo devido ao crescimento das igrejas pentecostais. Nascidas aqui nos anos 60, as CEBs são encontradas hoje em toda a América Latina, entre os chicanos nos EUA, nas Filipinas e em países da África. Durante a ditadura militar, elas de fato atuaram como uma das poucas atrizes no palco das contestações sociais, agora ocupado por entidades sindicais e políticas, movimentos populares, ONGs e órgãos de representação da sociedade civil. Conscientes de que são um novo modo de ser Igreja, e não mais um entre tantos movimentos eclesiais, as CEBs jamais incorreram no equívoco de querer substituir entidades e partidos. São, sim, escolas de liderança e cidadania para mais de 4 milhões de fiéis que integram cerca de 100 mil comunidades espalhadas pelo Brasil.

O crescimento das igrejas pentecostais no Brasil não se verifica a partir das CEBs, e sim dessa massa amorfa e anônima de fiéis que se considera católica por tradição, e não por evangelização. Ao adotar as CEBs como novo modelo pastoral, a Igreja

Católica talvez perca em quantidade, mas ganha em qualidade, na medida em que forma lideranças cristãs dispostas a ser fermento na massa, fortalecendo os elos da sociedade civil e atuando, não só em vista da salvação individual, mas também da libertação social. Certos pastores pentecostais enriquecem à custa do descaso do poder público para com a população desprovida de serviços de saúde. Assim, a cura pelo milagre resta como última instância. As CEBs querem construir uma nova ordem social na qual a doença seja erradicada, bem como toda ameaça à vida, dom maior de Deus.

No encontro de Santa Maria estiveram presentes cerca de cem bispos católicos, ao lado de teólogos e de pastores evangélicos. Foi, sem dúvida, algo como um Concílio da Igreja dos Pobres. Ali o Espírito Santo falou pela boca dos índios suruí e das mulheres do Baixo Amazonas, dos sem-terra do Maranhão e dos que vivem nas ruas de São Paulo. Esses “convidados ao banquete”, como diz Jesus no Evangelho, mostraram a cara e expressaram a voz do Brasil real, num conclave sem cartas marcadas ou mestres que ensinam a auditório que aprende. A metodologia visou democratizar o debate, favorecendo o resgate das culturas oprimidas e fortalecendo a fé e a esperança daqueles com quem o Senhor mais se identifica ao manifestar. “Tive fome... sede... doente... oprimido. Cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a Mim fizestes” (Mateus, 25, 31-46)

Frei Betto é escritor

12 de Outubro de 1492

Diário de bordo de Cristovão Colombo

Às duas horas da madrugada apareceu a terra, da qual estariam a duas léguas. Abaixaram as velas e ficaram aguardando o dia (sexta-feira) pois chegaram a uma ilhota dos “lucayos” (nativos) na língua dos índios Guanahaní. Logo chegou gente desnuda, e o Almirante rumou para terra firme na barca armada com Martin Alonso Pinzon e Vicente Anes, seu irmão, que era capitão da nau Niña. O Almirante apanhou a bandeira real e os capitães com duas bandeiras da Cruz Verde, que o Almirante levava em todos os navios como identificação, com um “F” e um “T”, encima de cada letra sua coroa, uma em cada lado da cruz. Uma vez em terra viram árvores muito verdes, muitas águas e frutas de várias espécies. O almirante chamou os dois capitães e aos demais que vieram para a terra, e a Rodrigo d’Ecobedo, escrivão de toda a armada, e a Rodrigo Sanches de Segóvia, e disse que o dessem por fé e testemunho, como ele perante todos tomava posse, como de fato tomou, daquela ilha em nome do Rei e da Rainha seus senhores, com as devidas solenidades, como mais amplamente se constata nos relatos que ali se fizeram por escrito.

Logo ajuntou-se ali muita gente da ilha. O que se segue são palavras textuais do Almirante em seu livro de sua primeira navegação e descobrimento destas Índias. “Eu — disse ele — porque tivessem por nós muita amizade, percebi que era gente que melhor se livraria e converteria à nossa santa fé mais com amor do que pela força, dei a alguns deles uns gorros vermelhos e umas contas de vidro que as

punham no pescoço, e muitas outras coisas de pouco valor, com o que tiveram muita satisfação e ficaram tão amigos que era uma maravilha. Depois eles vinham até as barcas dos nossos navios onde estávamos, nadando, e nos traziam papagaios, fios de algodão em nove-los, lanças curtas e muitas outras coisas, trocando por outras tantas que lhes dávamos, como pequenas contas de vidro e chocalhos. Enfim, tudo apanhavam e davam daquilo que tinham de boa vontade, mas pareceu-me que era gente muito pobre. Eles andam todos nós como sua mãe os trouxe ao mundo, também as mulheres, embora não tenha visto mais do que uma exuberante moça, e todos o que eu vi eram jovens, não vi nenhum com mais de 30 anos, muito bem feitos, de corpos formosos, de belos rostos, os cabelos grossos, quase como rabo de cavalo e curtos. Os cabelos trazem cortados até a altura das sobancelhas, exceto uns poucos que têm atrás os cabelos longos, que nunca cortam. Alguns se pintam de negro, outros são da cor de canários, nem negros nem brancos; alguns se pintam de branco, outros de vermelho ou do que acham melhor, uns pintam o rosto, outros o corpo todo; alguns só os olhos e outros só o nariz. Eles não trazem armas nem as conhecem, porque lhes mostrei espadas e as apanhavam pelas lâminas e se



cortavam sem o saber. Não possuem nada de ferro, suas lanças são varas sem ferro e algumas delas têm na ponta um dente de peixe ou outras coisas. Eles todos, geralmente, são de boa estatura, de boas expressões e bem feitos.

Vi alguns que tinham sinais de feridas em seus corpos, e lhes fiz gestos perguntando o que era aquilo e eles me mostraram como vinham até ali gente de outras ilhas próximas que lhes queriam tomar e se defendiam. Eu acreditei e acredito que outros vêm de terra firme para aprisioná-los. Devem ser bem prestativos, e de bom talento, pois vejo que rapidamente repetem tudo o que eu lhes dizia, e creio que rapidamente se tornariam cristãos, pareceu-me ainda que não tinham nenhuma seita.

Se Deus quiser levarei daqui, por ocasião da minha partida, seis deles às Vossas Altezas para que aprendam a falar. Não vi, nesta ilha, nenhum tipo de animal, salvo papagaios.”

Todas são palavras do Almirante Cristovão Colombo.

O sermão de Montesinos

*Do sermão de Frei Antônio de Montesinos, 21 de dezembro de 1511,
na ilha de Santo Domingo, recolhido em ata por Frei Bartolomé de Las Casas.*

No dia 12 de outubro completou 500 anos da chegada de Cristovão Colombo na América. Pensando ter chegado às Índias, de índios chamou os habitantes daqui, sem saber que cerca de 90 milhões de pessoas já viviam nestas terras, com seu modo próprio de vida, sua história e tradições.

Os recém-chegados foram recebidos com festa e, em pouco tempo, descobriram com horror que o homem branco tinha sede de ouro e riquezas, disposto a fazer guerra para conseguir o desejado

Nesse tempo todo, houve missionários e cristãos comuns que levantaram sua voz em defesa dos oprimidos. Enfrentaram perseguições, calúnias e, muitas vezes, até o martírio. Eles, representam a glória da Igreja missionária, apesar da tristeza por ela não ter conseguido transmitir a todos a alegria da Boa Nova.

Esse grito de dor que chega até os nossos dias, engrossado pela dor de uma multidão de pobres da América Latina não pode ser abafado. As vítimas dos 500 anos, porém, souberam dar a volta por cima e reconhecer o verdadeiro valor do Evangelho anunciado. Fizeram da Palavra de Deus a força para se unir e buscar com coragem a transformação da situação em que foram obrigados a viver. Hoje, eles ensinam a toda a Igreja, apesar de ainda oprimidos, o verdadeiro sentido da mensagem trazida por Jesus.

Julgar as intenções dos missionários não podemos. Nem exigir que eles tivessem raciocinado com a mentalidade de hoje. Menos ainda sugerir que nós teríamos feito melhor. Mas o fato triste é que a maioria deles não conseguiu defender índios e negros contra a maldade dos brancos.



“Nesse tempo, os religiosos de Santo Domingo já haviam observado e considerado a vida e o duríssimo cativo que os nativos dessa Ilha padeciam e como se consumiam, sem que os espanhóis que os possuíam fizessem caso deles. Assim, como se fossem uns animais sem proveito, depois de mortos, os espanhóis somente sentiam suas mortes pela falta que faziam nas minas de ouro ou nos outros trabalhos agrícolas. Nem por isso com os que sobreviviam usavam de mais compreensão ou brandura. Continuaram com rigor e aspereza oprimindo-os e fatigando-os chegando a extinguí-los...”

Assim, aqueles religiosos vendo, observando e refletindo por muitos dias sobre as ações que os espanhóis faziam aos índios e a falta de cuidados que tinham com a saúde corporal, espiritual, a inocência, a paciência inestimável e a mansidão dos índios, começaram a confrontar o direito e os fatos. Como homens espirituais e amigos de Deus conversaram entre si sobre a maldade e enorme injustiça jamais vista. E diziam: Estes, não são homens? Com estes não se deve guar-

dar e cumprir os mandamentos da caridade e da justiça? Estes, não tinham suas terras próprias, seus senhores e senhorios?

Não estamos obrigados a pregar a lei de Cristo e trabalhar com toda diligência para a conversão? Como, pois, sendo tantos e tão numerosos os que haviam nessa ilha, segundo nos dizem, e em tão pouco tempo, 15 ou 16 anos, foram cruelmente dizimados?

Os religiosos assombrados em ouvir fatos tão contrários aos costumes cristãos recobram maior ânimo para lutar contra o princípio, o meio e o fim dessa horrível e nova maneira de tirânica injustiça: inflamados de ardor e zelo pela honra divina, doiam-se pelas injúrias que faziam contrárias à sua lei e a lei de Deus.

Compadeciam-se entranhadamente da perda de tantos nativos, sem encontrar quem se doesse nem fizesse caso deles... suplicando e encomendando-se muito a Deus com contínuas orações, jejuns e vigílias para não errarem em nada ao advertirem os espanhóis sobre os fatos novos e escandalosos nos quais dormiam tão insensivelmente num profundo e abismal sono.

Finalmente, repetidas muitas vezes o conselho amadurecido, deliberaram em dizê-lo publicamente na pregação dos púlpitos. E a declarar o estado de pecadores no qual acabariam morrendo como tais depois de oprimir tanta gente, com desumanidade e cobiça.

Como era tempo de advento concordaram que o sermão fosse dito no quarto domingo quando se canta o Evangelho de S. João: “os fariseus enviaram mensageiros a perguntar a João Batista quem ele

era, e ele respondeu-lhes: Sou a voz que clama no deserto”.

Como se achasse que todos da cidade de Santo Domingo se encontrariam no sermão, cuidou-se para que ninguém dos principais faltasse. Foram convidar então, de casa em casa, o segundo Almirante que governara a Ilha e Oficiais do Rei e todos os letrados e juristas, dizendo-lhes que domingo, na igreja matriz, haveria um sermão no qual seriam informadas certas coisas importantes que diriam respeito a todos e lhes rogaram que não faltassem.

Todos consentiram de muito boa vontade, uns por grande reverência e estima que lhes tinham, outros porque cada um desejava ouvir aquilo que tanto lhes havia despertado a curiosidade, que se soubessem antes, não queriam ouvir nem lhes deixariam pregar.

Chegado o domingo e a hora da pregação, subiu ao púlpito o padre frei Antônio de Montesinos e tomou por lema e fundamento de seu sermão que já estava escrito e assinado pelos demais: “Eu sou a voz que clama no deserto”.

Feita a introdução e dito algo relativo ao Advento, começou a mostrar com insistência a esterilidade de consciência dos espanhóis dessa ilha e a cegueira em que viviam; o quanto de perigo de condenação que estavam incorrendo, eles, os religiosos, se não advertissem os pecados gravíssimos que com tanta insensibilidade estavam continuamente mergulhados e que nesses pecados morreriam.

Em seguida retomou o tema dizendo: Subi a esse púlpito para dar-lhes a conhecer, eu que sou a voz de Cristo no deserto dessa ilha e portanto, convém que com todo o vosso coração a ouçais: voz esta que jamais ouvistes, mais áspera e dura e perigosa que jamais pensastes em ouvir.

Esta voz insistiu por um bom tempo com palavras muito contundentes e terríveis que fazia os espanhóis estre-





mecer e lhes parecia que já estavam em julgamento divino. A voz, pois, em grande estilo, em universal insistência, esclareceu-lhes qual era o seu conteúdo.

Essa voz, disse Montesinos, acusa-os: todos estais em pecado mortal, nele estais vivendo e nele morrereis, pela crueldade e tirania que usais com essa gente inocente.

Dizei-me: Com que direito e com que lei mantendes em tão cruel e horrível servidão esses índios? Com que autoridade tendes feito tão destestáveis guerras a essa gente que estava em suas terras mansos e pacíficos, nas quais os tendes esterminado com incontáveis mortes e destruições jamais ouvidas?

Como os mantendes tão oprimidos e fatigados, sem dar-lhes de comer, nem curá-los de suas doenças decorrentes dos excessivos trabalhos, quando não morrem, melhor dizendo, quando os matais para extrair e tirar ouro todos dias?

Que preocupação tendes para que eles tenham quem os ensine a doutrina e conheçam a seu Deus e Criador, que sejam batizados, vão à missa, guardem as festas e os domingos?

Estes, não são humanos? Não têm alma racional? Não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos? Não compreendeis isso? Não sentis isso?

Como estais tão adormecidos tão insensíveis em tão profundo sono?

Estais certos que no estado em que vos encontrais não podeis vos salvar mais que os mouros e turcos que não têm fé ou que não querem crer em Jesus Cristo.

Finalmente, de tal maneira Montesinos insistentemente explicou-lhes o sentido da voz que os deixou atônitos, a muitos como atordoados, a outros algo compungidos, contudo outros mantiveram-se insensíveis. Ninguém, porém, pelo que entendi posteriormente, converteu-se."

Bartolomeu de Las Casas
"Histórias das Índias"

Declaração do Conselho Mundial dos Povos Indígenas em Port Alberni, 1975



"Nós, povos indígenas do mundo, unidos numa grande assembléia de homens sábios, declaramos a todas as nações:

quando a mãe terra não era nosso alimento, quando a noite escura formava nosso teto, quando o céu e a lua eram nossos pais, quando todos éramos irmãos e irmãs, quando nossos caciques e anciões eram grandes líderes, quando a justiça dirigia a lei e sua execu-

ção, então chegaram outras civilizações!

Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as riquezas, trazendo numa mão a cruz e na outra a espada, sem conhecer nem querer aprender os costumes de nossos povos, classificaram-nos abaixo dos animais, roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas, transformando em escravos os "filhos do sol". No entanto, não puderam nos eliminar! Nem nos fazem esquecer o que somos, porque somos a cultura da terra e do céu. Somos de uma ascendência milenar. E somos milhões. E, ainda que nosso universo inteiro seja destruído, NÓS VIVEREMOS por mais tempo que o império da morte!"

Por que a perseguição religiosa em 1936 na Espanha?

Mariano Sedano

No próximo dia 25 de outubro serão proclamados Bem-Aventurados, por sua Santidade o papa João Paulo II na Basílica de São Pedro em Roma, 51 mártires. Eles derramaram seu sangue pela causa da fé em Jesus — o primeiro a derramar seu sangue por amor à humanidade. Muitos sacerdotes e irmãos missionários — não só da congregação claretiana — morreram (um total de 6.832). O martírio dos 51 missionários claretianos ocorreu entre os dias 2 à 20 de agosto de 1936 em Barbastro, Barcelona (Espanha), por ocasião da fratricida guerra civil espanhola. Entre tantos seguidores de Jesus, os 51 claretianos, em sua maioria contavam com a idade entre 21 e 25 anos: 37 seminaristas, 5 irmãos missionários e 9 sacerdotes.



1. Duas Espanhas frente a frente

A imagem de Goya é conhecida. Dois homens, metidos no lodo até os joelhos, lutam entre si com toda força dos braços. Nenhum deles pode escapar. Estão condenados a entender-se e, no entanto, se destroçam mutuamente. Este quadro expressa, com a terrível plasticidade da pintura, o drama de sua nação dividida e que se enfrenta. O que aconteceu naqueles dias de agosto de 1936 em Barbastro,

e em outros lugares, não se pode compreender em toda sua profundidade sem fazer referência a um longo processo de mal-entendidos, enfrentamentos e ódios entre espanhóis, onde a concepção religiosa entra como um ingrediente fundamental.

A história da Espanha, a partir da Guerra da Independência, é a história dessa ruptura. A guerra contra Napoleão se viveu e se entende como uma guerra religiosa. As referências ideológicas foram a Pátria, a Religião e o Rei. Mas quando os deputados se reuniram em Cádiz para dar uma Cons-

tuição ao país, os representantes do povo estavam mais divididos do que parecia à primeira vista.

A Constituição de 1812, embora declarasse a religião católica como religião do Estado, sancionava também um certo processo de «modernização» da nação. Isto implicava suprimir conventos, vender seus bens e eliminar resíduos medievais, como o tribunal da inquisição. Quando Fernando VII restaurou a monarquia absoluta encontrou nos Bispos e no clero alguns dos seus melhores aliados diante dessas tentativas liberais.

Desde então, Igreja e mundo moderno seguiram na Espanha vias paralelas. Períodos liberais seguidos por repressões absolutistas e estas, por repressões liberais. Assim se explicam os decretos governamentais de seqüestro dos bens da Igreja, supressão das congregações religiosas e outras medidas anticlericais. Nos verões de 1834 e 35 aconteceram as primeiras matanças de padres e incêndios de conventos da história da Espanha. As mentes mais abertas consideravam a Igreja como um grande perigo para a modernização da nação, a inimiga do progresso. Onde havia um padre (ou um católico), ali se escondia um inimigo da liberdade.

O ataque reforçou durante todo esse tempo uma atitude intransigente e beligerante no catolicismo espanhol diante de tudo o que soasse liberal. A mentalidade integrista, dominante entre os católicos, encontrou no livro «*O Liberalismo é pecado*» sua inspiração e emblema. A consciência dos problemas sociais do mundo moderno e as iniciativas neste campo eram insuficientes, se comparada a igreja espanhola com a de outros países.

“La Jaqueta”, casa rural da qual Antonio Pueyo Coscojuela e três empregados presenciaram os fuzilamentos de 12, 13 e 15 de agosto de 1936.

Ao implantar-se a República saltou em primeiro plano o confronto entre as duas maneiras de entender a Espanha. Para os republicanos radicais e os grupos de esquerda, o papel dominante da Igreja na vida da Espanha era a causa fundamental do atraso social-político-econômico. Para os católicos só se podia entender a Espanha desde a unidade católica da nação. Ser espanhol e ser católico era a mesma coisa.

2. O problema religioso na II República

A Igreja espanhola aceitou a República sem muito ânimo. Os Bispos espanhóis acataram o novo regime, sem demasiado entusiasmo, mas com sinceridade e, ao mesmo tempo, com expectativas. O mesmo cabe dizer dos religiosos e dos leigos mais comprometidos. A Santa Sé se apressou em recomendar a submissão aos poderes estabelecidos.

Essa atitude se contrastava com o laicismo do Parlamento e com o anticlericalismo da rua. Em 11 de maio ardiam conventos e igrejas durante três dias, em várias cidades espanholas, sem que o governo movesse um dedo para controlar as desordens. «*Nenhuma igreja ou convento valiam a vida de um republicano*», dizia Azaña.

Esses fatos significaram para muitos católicos a identificação da República com o anticlericalismo e a anarquia política.

A Constituição de 1931 declarou o Estado laico. Tentava assim limitar ao máximo a influência da Igreja no campo do ensino e se punha as bases para a supressão das congregações religiosas e a nacionalização de seus bens. Dava a impressão de que os religiosos constituíam um perigo para a existência da República. Por isso não cabia aplicar-lhes os direitos que se afirmavam para todos. A legislação posterior desenvolveu os princípios constitucionais: supressão da Companhia de Jesus, lei do divórcio, secularização dos cemitérios, laicização da escola e lei de associações religiosas, que limitava o exercício do culto católico ao consentimento das autoridades civis.

A história legou à II República espanhola um cúmulo de problemas de envergadura considerável que tinha que resolver: o problema das regiões históricas, a crise no exército, o agudo problema econômico, a reforma agrária, a regeneração cultural da nação, a questão religiosa... Hoje nos resulta surpreendente a relevância outorgada ao problema religioso. Parece que nos primeiros meses da República se esteve jogando o futuro do sistema. Existia uma espécie de mio-



pia política dos governantes que os incapacitava a responder às verdadeiras necessidades do país e os fez concentrar suas energias em uma legislação laicista que não levava em consideração a grande maioria do povo espanhol.

A reação dos Bispos foi imediata. O Papa Pio XI publicou sua encíclica «*Dilectissima Nobis*» lamentando-se do trato injusto que recebia a Igreja na Espanha. Os católicos espanhóis mais atentos começaram a cair na conta do que significava viver em um Estado laico. Desde a imprensa católica e associações leigas começou-se a criar uma resposta política, que levou o governo, nas eleições de 1933, à direita católica, liderada por Gil Robles.

3. Anticlericalismo e propaganda anti-religiosa

Ao longo do século XIX e XX foi crescendo entre os espanhóis um forte sentimento anticlerical alimentado pelas duas correntes distintas, mas convergentes.

Por uma parte, uma corrente intelectual que desprezava a Igreja e a combatia como inimiga do progresso. Esse grupo se concentrava ao redor da «*Instituição Livre de Ensino*» e tentava reprimir um dos pontos de maior influxo social da Igreja: exatamente, o ensino.

Por outra, o anticlericalismo dos movimentos socialistas e anarquistas. Esses grupos consideravam a Igreja como a legitimadora da ordem estabelecida, por sua aliança com a oligarquia econômica. Tratava-se de um sentimento menos tematizado, mas muito mais emotivo e apaixonante, que pôde lançar o povo violentamente contra tudo o que representava a Igreja: pessoas, lugares ou símbolos religiosos.

Antes da República, esse sentimento havia estourado com violência

na *Semana Trágica de Barcelona* (1909) e durante a República, na *Revolução de Astúrias* (1934), que inspiraram a repressão religiosa de 1936.

Ambas correntes confluíram entre 1931 e 36 em vários incidentes. Em mais de uma ocasião, os políticos ocultaram sua própria inaptidão para resolver os grandes problemas do Estado com o recurso fácil ao anticlericalismo. Diante de um povo necessitado de reformas sociais e econômicas, foi apresentado o clero como o obstáculo principal que deveria ser eliminado. Convidava-se o povo nas reuniões de operários a «*levantar o véu das noviças e elevá-las à categoria de madres para virilizar a espécie*». Houve uma avalanche editorial



Fachada da casa da comunidade claretiana de Barbastro, onde viveram os 51 mártires até 20 de julho de 1936.

que fez da religião e de seus ministros o alvo de seu furor com títulos com o «*Que faria você com gente de batina?*» e outros diretamente anti-

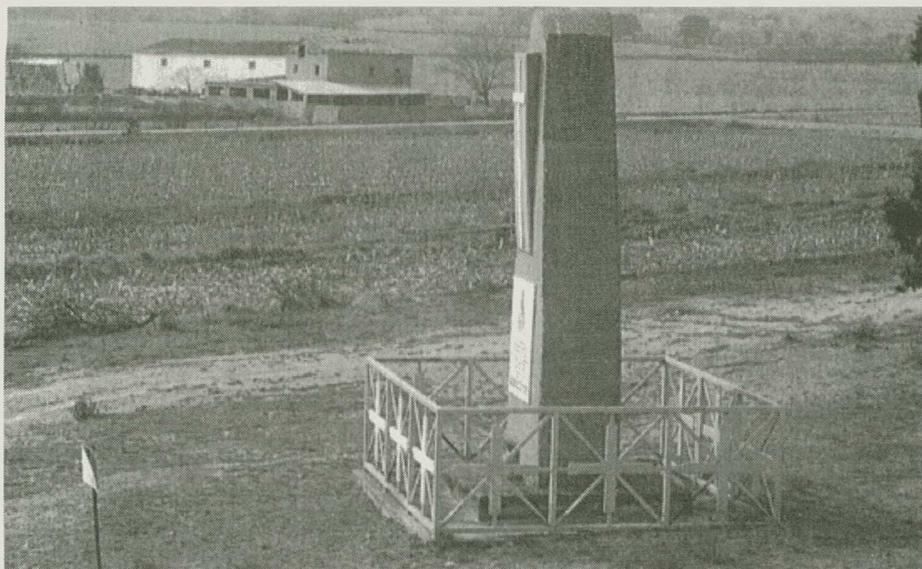
religiosos, como «*Deus, pai cabeçudo*», ou «*Jesus Cristo, mau sujeito*». Chegou-se a criar uma editora dedicada expressamente a publicar obras anticlericais e anti-religiosas: «*Biblioteca dos sem Deus*».

4. O 18 de julho e suas consequências

A guerra civil havia começado muito antes de meados de julho. Se os jornais socialistas clamavam: «*A Igreja deve ser arrancada por completo do nosso solo. Os Bispos e Cardeais devem ser fuzilados e os bens eclesiásticos alienados*», boletins da Falange concluíam: «*Já não há mais solução pacífica*». À distância de mais de 50 anos é difícil diagnosticar se se podia ou não ter evitado aquela catástrofe que foi a guerra entre irmãos de nação.

A inicial indecisão do governo de Madrid, no enfrentar a sublevação militar, provocou rebelião em amplas zonas do interior da Espanha. Com isso, tornava-se inevitável a guerra. Nem o governo havia logrado dominar o golpe militar, nem os militares sublevados podiam entender-se com o governo. O apoio das organizações sindicais favoreceu o triunfo do golpe por todas as partes. As consequências desse apoio popular se fizeram sentir. O governo republicano decidiu entregar armas ao povo. Com isso, hipotecava grande parte de sua autoridade e unidade de ação e favorecia a repressão descontrolada, indiscriminada e sangrenta que se pôs em marcha a partir de 19 de julho.

Desde esse dia, na zona republicana, se produziu o que se chamou «*a perseguição mais cruel que a Igreja espanhola sofreu desde os tempos do Império Romano*». O tributo pago pela Igreja foi imenso: um total de 6.832 clérigos mortos. Só na Diocese de



Túmulo dos 51 mártires claretianos e ao fundo (a uns 200 metros) "La Jaqueta" local de fuzilamentos.

Barbastro, foi assassinado quase 90% de seu clero. Em outras seis Dioceses, o número de vítimas superou ou se aproximou à metade do clero total. O fogo devorou milhares de igrejas. Foram destruídas obras de arte, bibliotecas e bens religiosos de grande valor. Desde o domingo, 19 de julho, desapareceu o culto público na zona republicana.

Para alguns historiadores não se tratou de uma perseguição religiosa, mas de uma revolta social que levou à luta de classes. Os comitês revolucionários foram a expressão violenta e primária do ressentimento social contra uma Igreja aliada à burguesia. Foi o fruto maduro do anticlericalismo de base popular, ao qual já fizemos alusão.

É certo que a consciência social da Igreja espanhola era escassa e que antes de 1936 se haviam levantado vozes que mostravam o distanciamento da religião das classes operárias nas cidades. No entanto, lendo os relatos do assassinato de muitos sacerdotes e religiosos, custa acreditar que fosse só essa a causa da perseguição. Que contatos com a oligarquia burguesa tinham os estudantes claretianos de Barbastro? Todos eles, como a imensa

maioria dos religiosos assassinados, eram tão pobres, ou mais, que aqueles que os mataram. O fato, muitas vezes repetido, de que bastaria que abandonassem seus compromissos religiosos para salvar a vida, revelava ressentimento não contra as pessoas, mas contra o que de religioso representavam.

Nos meses posteriores ao levantamento militar se insistiu em que o ódio popular contra os sacerdotes e religiosos se devia à sua cumplicidade com o golpe. Também se explicavam as matanças como represália às brutalidades cometidas pelas tropas franquistas na zona ocupada. Os estudos atuais concluem que a hierarquia eclesiástica não participou da preparação do levantamento. A princípio, os militares não invocavam motivos religiosos, mas estritamente políticos para levantar-se contra o governo. Uma boa parte dos militares sublevados não se caracterizava precisamente pela sua piedade, nem por suas simpatias eclesiásticas, enquanto no bando republicano não faltavam militares católicos. O apoio da hierarquia e sua intervenção decisiva com a Carta coletiva de 1937 são mais bem consequência da violência e sectarismo demonstrado

pelos milicianos na zona governativa.

Na zona nacional se cometeram também atropelos semelhantes. Entretanto, as matanças de sacerdotes e religiosos da zona republicana se produziram nas primeiras semanas de guerra, quando a falta de comunicação impedia inclusive saber o que acontecia na mesma comarca. Não se podia invocar a explicação da represália na imensa maioria dos casos. Como já vimos, nos republicanos extremistas e nos sindicatos de corte socialista ou anarquista, as decisões anti-religiosas já estavam tomadas muito antes de julho de 1936.

5. Conclusão

Terminamos com a pergunta do princípio: por que a perseguição religiosa na guerra civil espanhola? A resposta é mais complexa do que parece. Essa, como todas, não é uma história de bons e maus. Maritain qualificou essa guerra civil de «*pecado coletivo*». Quanto mais nos distanciamos de 1936, mais nos aparece assim. Nossos jovens claretianos morreram com um valor extraordinário e uma fidelidade e alegria inigualáveis. Morreram por serem religiosos e por não quere-m deixar de sê-lo. Mas, com eles também se tentou acabar com uma Igreja que nem sempre havia sido fiel ao Evangelho e havia demonstrado escassa sensibilidade aos problemas reais dos trabalhadores.

Uma das vítimas daquela represália violenta se perguntava: «*rejeitam os ministros por causa de Jesus, ou rejeitam a Jesus por causa de seus ministros? A primeira hipótese é muito consoladora, mas a segunda é também possível*». Na complexidade que o historiador descobre, emerge, entretanto, um testemunho claro e sempre interpelador: «*que o sangue que sai de nossas feridas não seja vingador*».

Mariano Sedano CMF. Professor de História em Madrid

No seguimento de Jesus Cristo

Pedro Casaldáliga



Cemitério de Barbastro, silencioso e permanente testemunho da morte e sepultamento dos Claretianos mártires e de muitos outros não claretianos.

Na bênção do novo sepulcro dos nossos Mártires, o então Bispo de Barbastro sublinhava: «Eles entenderam que no seguimento de Cristo... somente vale a adesão total... a constância heróica até à morte».

Batizados na Morte Pascal de Cristo, todos os cristãos deveriam assumir essa Morte até à morte, em um crescente, em total oblação de nossas vidas. Como aqueles que, segundo Orígenes, «se preparavam, ao mesmo tempo, para o bastimo e para o mártirio».

Porque *ser cristão* é seguir Jesus, em suas atitudes, com sua prática, por sua mesma opção. E segui-lo é carregar, com Ele, a cruz da renúncia, da doação, da perseguição

vermelha ou branca, do mártirio talvez; do incruento mártirio de cada dia, em todo caso. Quem não dá preferência a mim em vez de dar a si mesmo, não pode ser meu discípulo (cf. Lc 14,26-27). «Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me» (Lc 9,23). «*O servo não é maior do que o senhor. Se me perseguiram, também vos hão de perseguir*» (Jo 15,20). «*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*» (Jo 15,13; e, evidentemente, pelo maior amigo, Jesus.

A *vida religiosa* autêntica, como «opção de vida radical», é o bastimo levado às suas últimas conseqüências, em comunidade de testemunhas e para

perseguido, caluniado, mártir viventes; obcecado por seguir em tudo e fundador de uma comunidade de missionários que deveria essa radicalidade do seguimento, à maneira dos Apóstolos. Formados na «forja do Coração de Maria» — traspassado pela espada e em velada ao pé da cruz —, a mãe que formou Jesus de Nazaré, a melhor seguidora de seu Filho, a formadora materna de todos os seguidores.

Chegada a hora do Horto e o caminho do Calvário e da Cruz, no salão dos Escolápios, pelas ruas ou no vale San Miguel, *toda vocação cristã e claretiana* dos nossos irmãos explodiu em um testemunho poucas vezes igualado nas atas dos mártires

MÁRTIRES CLARETIANOS DE BARBASTRO

Agosto 1936



Verso da medalha comemorativa da beatificação dos mártires claretianos de Barbastro

BEATIFICAÇÃO

Roma, 25 de outubro de 1992

Viver e morrer pela causa de Jesus

No dia 20 de julho de 1936, durante a guerra civil espanhola, uns 60 milicianos armados invadiram o seminário claretiano de Barbastro. Todos os missionários da Comunidade foram presos e sem julgamento condenados à morte pelo simples fato de serem religiosos. Receberam propostas de liberdade se renunciassem a sua fé. Eles preferiram ser fiéis à causa de Jesus, conscientes de que sua firmeza lhes custaria a vida.

Durante muitos dias suportaram com paciência, e até com alegria, injúrias, maus tratos, privações, calor, sede, tentações e seduções.

Foram inflexíveis na unidade e nela encontraram força.

Unidos, viveram como dom do céu a oblação do martírio.

Unidos, se prepararam para a morte com a oração constante. Receberam com fervor a comunhão e o sacramento da penitência. Exortavam-se mutuamente a confiar em Deus e a sofrer tudo por seu amor. Todos perdoaram, como Jesus, a seus verdugos e rezaram por eles. Beijavam as cordas manchadas no sangue dos que lhes haviam precedido no martírio.

Ao serem levados à morte mostraram uma fortaleza invencível, que manifestaram com seus cantos e aclamações a Cristo Rei e ao Coração de Maria.

Os 51 claretianos foram sacrificados em cinco grupos durante o mês de agosto: nos dias 2, 12, 13, 15 e 18.

A Igreja proclamou oficialmente seu heroísmo reconhecendo a autenticidade de seu martírio.

Josep Maria Codina, CMF.



MUNÁRRIZ AZCONA, Felipe de Jesús
Allo (Navarra), 4-II-1875.
†Barbastro, 2-VIII-1936. Sac. 61 anos.

Superior da comunidade. Missionário ativo e fervoroso. Muito devoto da Virgem. Fiel às Constituições, inculcava sua observância aos Estudantes.



AMORÓS HERNÁNDEZ, José María
Puebla Larga (Valencia), 14-I-1913.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

Destacou-se por sua piedade e amor à vocação. Dizia: "Já que aqui não podemos exercer o ministério, passaremos nosso céu fazendo o bem à terra".



BADÍA MATEU, José María
Puigpelat (Tarragona), 30-IX-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

Sobressaiu por sua amabilidade, piedade e aplicação ao estudo e interesse pelas coisas da Congregação. Fazia generosamente todos os serviços que lhe eram pedido.



BAIXERAS BERENGUER, Juan
Castellterçol (Barcelona), 21-XI-1913.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 22 anos.

Foi constante na prática da vida interior. Se exercitava nas virtudes religiosas. Desejava aperfeiçoar-se para ser um grande apóstolo.



BANDRÉS JIMÉNEZ, Javier Luis
Sangüesa (Navarra), 1-XII-1912.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Era criativo, serviçal e bom companheiro. Seu desejo máximo era a pregação. Almejava demonstrar seu amor ao Senhor com o sangue de suas veias.



BLASCO JUAN, José María
Játiva (Valencia), 2-I-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 24 anos.

Destacou-se pela sua delicadeza de consciência, disponibilidade ao serviço e amor ao estudo. Sua oferenda martírial: "Morro pela Congregação e pelas almas".



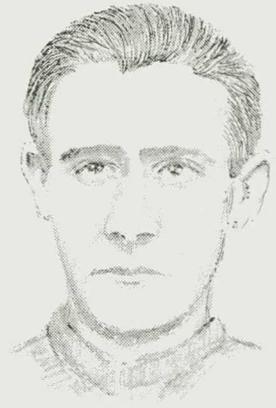
BRENGARET PUJOL, José
Sant Jordi Desvalls (Girona), 18-I-1913.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Se distinguiu por seus desejos de perfeição evangélica e amor à Eucaristia. Abnegado e obediente, teve sempre grande interesse pelas coisas da Congregação”.



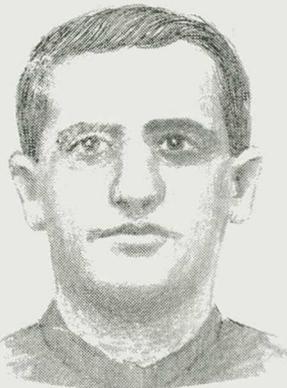
BRIEGA MORALES, Rafael
Montemolín (Zaragoza), 24-X-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

Destacou-se por sua tenacidade, humildade, obediência e espiritualidade. Desejando marchar para as missões da China, estudou a língua desse país e ofereceu seu sangue por elas.



BUIL LALUEZA, Manuel
Abizanda (Huesca), 31-VIII-1914.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Irmão. 21 anos.

Foi humilde, piedoso e trabalhador. Iniciou os estudos sacerdotais, porém, logo, em discernimento com os superiores, seguiu a vocação missionária como Irmão Coadjutor.



CALVO CALVO, Antolín M^a
Gumiél del Mercado (Burgos), 2-IX-1912.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Dotado de uma grande personalidade, era tenaz, sensível, serviçal e muito afeiçoado às Escrituras. Destacou-se por seu amor à liturgia, e ao canto gregoriano.



CALVO MARTÍNEZ, Sebastián
Gumiél de Izán (Burgos), 20-I-1903.
†Barbastro, 12-VIII-1936. Sac. 33 anos.

Se distinguiu por seu amor à vocação. Cumpriu com exatidão suas obrigações. Foi austero para consigo mesmo, amável com os demais e profundamente piedoso.



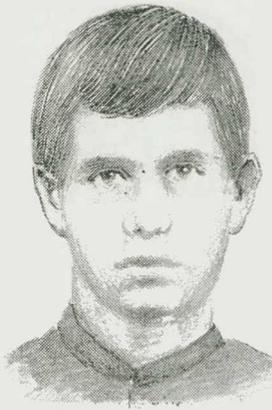
CAPDEVILA MIRÓ, Tomás
Maldá (Lleida), 5-V-1914.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 22 anos.

Foi bondoso, sacrificado e serviçal. Escreveu: “Como Jesus Cristo expirou perdoando a seus inimigos, assim eu morro mártir, perdoando-os de todo coração”.



CASADEVALL PUIG, Esteban
Argelaguer (Girona), 18-III-1913.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

De conduta exemplar, reflexivo e criativo, amante da vida espiritual e do estudo. Preparava-se com empenho para o ministério apostólico.



CASTÁN MESSEGUER, Francisco
Fonz (Huesca), 1-II-1911.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Irmão 25 anos.

Era o porteiro. Foi ele que abriu a porta aos “milicianos” e convocou toda a comunidade. Destacou-se por sua sensibilidade, disponibilidade e espírito de obediência.



CLARÍS VILAREGUT, Wenceslao M^a
Olost de Lluçanés (Barcelona), 3-I-1907.
†Barbastro, 12-VIII-1936. Diácono, 29 anos.

Piedoso, amável e muito aplicado nos estudos. Era bom companheiro. Ao conhecer o mártir do Pe. Andrés Solá no México, exclamou: “Oxalá tivesse eu essa sorte!”



CODINA MILLÁ, Eusebio M^a
Albesa (Lleida), 7-XII-1914.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 21 anos.

Foi um modelo de estudante claretiano, pela seriedade com que levou a formação espiritual e intelectual, pela profunda vida interior e pela afabilidade de seu trato.



CODINACHS TUNEU, Juan
Sta. Eugenia de Berga (Barcelona), 14-II-1914.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 22 anos.

Sobressaiu por sua candura, sensibilidade, espírito de sacrifício, e disponibilidade no serviço. Foi sempre laborioso e espiritual. Sua aspiração era ir às missões.



CUNILL PADRÓS, Pedro
Vic (Barcelona), 18-III-1903.
†Barbastro, 12-VIII-1936. Sac. 33 anos.

Foi muito caridoso. Falava bem de todos e respeitava sempre os ausentes. Era admirado pela sua pureza, sua virtude atrativa e sua notável exemplaridade.



CHIRIVÁS LACAMBRA, Gregorio
Siétamo (Huesca), 24-IV-1880.
†Barbastro, 12-VIII-1936. Irmão. 56 anos.

Religioso exemplar, fervoroso e trabalhador. De caráter sensível e alegre. Enfermeiro e alfaiate, assistia com prontidão e caridade a quantos precisavam de seus serviços.



DALMAU ROSICH, Antonio María
Miralcamp (Lleida), 4-X-1912.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

De temperamento vivo e enérgico, pôs grande empenho em dominar-se, conseguindo resultados satisfatórios. Se distinguiu na aplicação ao estudo e na piedade.



DÍAZ NOSTI, Juan
Oviedo (Asturias), 17-II-1880.
†Barbastro, 2-VIII-1936. Sac. 56 anos.

Homem maduro e equilibrado. Em sua missão formativa oferecia uma excelente formação espiritual, muito sólida e segura. Destacou-se como professor e pregador.



ECHARRI VIQUE, Juan
Olite (Navarra), 30-III-1913.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Era bom companheiro, aplicado, piedoso e com grandes ideais apostólicos. No cárcere escreveu: "Alegremente ofereço meu sangue inocente pela Igreja e pela Congregação."



ESCALÉ BINEFA, Luis
Fondarella (Lleida), 18-IX-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

De caráter nobre e expansivo, com grande desejo para o apostolado. Escrevia desde o cárcere: "Quando notificarem minha morte, estejam tranqüilos porque haveis um filho mártir".



FALGARONA VILANOVA, Jaime
Argelaguer (Girona), 6-VIII-1912.
†Barbastro, 18-VIII-1936. Es. 24 anos.

Era abnegado e serviçal, bondoso e pacífico. Fiel à vida espiritual, se esforzava na prática das virtudes religiosas e na preparação para o apostolado.



FIGUERO BELTRÁN, José
Gumiél del Mercado (Burgos), 14-VIII-1911.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 25 anos.

Bondoso e amante de sua vocação. Na véspera de seu aniversário e de seu martírio escrevia a seus pais: "Logo serei mártir de Jesus Cristo. Não choreis minha morte".



GARCÍA BERNAL, Pedro
Sta. Cruz de la Salceda (Burgos), 27-IV-1911.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 25 anos.

Desde pequeno destacou-se por sua piedade eucarística. Com grande firmeza pediu a seus pais que o deixassem seguir a vocação religiosa. Tinha grande afeição ao canto gregoriano.



ILLA SALVÍA, Ramón
Bellvís (Lleida), 12-II-1914.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 22 anos.

Destacou-se por seu profundo amor à Sagrada Escritura e à Liturgia. Rezava os salmos do ofício divino em hebreu. Tinha vivos anseios de martírio.



LLADÓ TEIXIDOR, Luis
Viladesens (Girona), 12-V-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 24 anos.

Recebia com humildade os avisos. Sobressaiu por sua aplicação ao estudo. Escreveu no cárcere: "Morro mártir por Cristo... Morro tranquilo cumprindo meu sagrado dever".



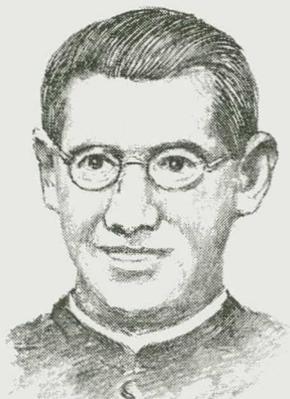
LLORENTE MARTÍN, Hilario María
Vadocondes (Burgos), 14-I-1911.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 25 anos.

Destacou-se por sua prudência, docilidade e dedicação ao serviço, fé profunda e amor ao sacrifício. Demonstrou-se também sempre disponível, estudioso e feliz na sua vocação.



MARTÍNEZ JARAUTA, Manuel
Murchante (Navarra), 22-XII-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Irmão. 23 anos.

Foi um jovem piedoso, afável e otimista, com grande espírito de sacrifício. Cumpriu com fidelidade e doação seu serviço à comunidade como alfaiate. Gostava de dar catecismo.



MASFERRER VILA, Luis
S. Vicenç de Torelló (Barcelona), 9-VII-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Sac. 24 anos.

Habilidoso para trabalhos manuais, sempre disposto a prestar ajuda a seus irmãos. De grande fineza espiritual, era visto com frequência diante de Jesus Sacramentado.



MASIP GONZÁLEZ, Miguel
Llardecans (Lleida), 18-VI-1913.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

Destacou-se por sua humildade, devoção à Eucaristia, ao rosário e à via-sacra. Tinha desejos de ser um grande apóstolo. Escreveu desde a prisão: "Meu Jesus, por ti morro".



MIQUEL GARRIGA, Alfonso
Prades de Molsosa (Lleida), 24-II-1914.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Irmão. 22 anos.

Era alegre, servicial e amável, sobretudo com os anciãos. Se ocupava da horta, sapataria e encargos comunitários. Rejeitou heroicamente várias ofertas de liberdade.



NOVICH RABIONET, Ramón
La Cellera de Ter (Girona), 18-IV-1913.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Era inteligente e estudioso. Tinha somente um ideal: ser um bom missionário. Escreveu na oferta martirial: "Quero passar meu céu fazendo bem aos operários".



ORMO SERÓ, José María
Almatret (Lleida), 18-VIII-1913.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 22 anos.

Exteriormente era um pouco brusco, mas escondia um coração dócil, reto e simples. Muito dedicado ao estudo. Gradualmente se aperfeiçoava.



ORTEGA GARCÍA, Secundino María
Sta. Cruz de la Salceda (Burgos), 20-V-1912.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Sac. 24 anos.

Foi o sacerdote providencial do grupo martirizado no dia 13. Piedoso, caridoso e aplicado à sua formação integral, tinha dotes especiais para o ministério da Palavra.



PAVÓN BUENO, José
Cartagena (Murcia), 19-I-1909.
†Barbastro, 12-VIII-1936. Sac. 27 anos.

De espírito alegre, sobressaiu por sua caridade para com todos, especialmente com os doentes. No cárcere animava a seus irmãos com sua piedade e bom humor.



PÉREZ GARCÍA, Faustino
Baríndano (Navarra), 30-VII-1911.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 25 anos.

Apaixonado, fervoroso e amante de sua vocação, durante o serviço militar foi apóstolo dos soldados. Encorajou seus companheiros de martírio. Foi o líder do grupo.



PÉREZ RAMOS, Leoncio
Muro de Aguas (Logroño), 12-IX-1875.
†Barbastro, 2-VIII-1936. Sac. 60 anos.

Tinha fama de santo. Se dedicou à formação dos irmãos. Suportou com exemplar alegria durante toda sua vida a cruz da enfermidade. Foi confessor incansável.



PIGEM SERRA, Salvador
Vilobí d'Onyar (Girona), 15-XII-1912.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Amável, jovial e estudioso. "Me salvará você com todos os meus companheiros?" - "Não, somente você". - "Assim não aceito: prefiro ser mártir junto com eles".



RIERA COROMINA, Sebastián
Ribes de Freser (Girona), 13-X-1913.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 22 anos.

De bom caráter, edificante e entusiasta de sua vocação. Perguntou-lhe um miliciano: - Que fariam vocês se ganhassem? - "Perdoá-riamos a todos vocês", respondeu ele.



RIPOLL DIEGO, Eduardo
Játiva (Valencia), 6-I-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 24 anos.

De grande bondade e disponibilidade. Com seus companheiros Ruiz e Codina rezava muitos rosários. Escreveu na prisão: "Perdôo de coração a todos os meus inimigos".



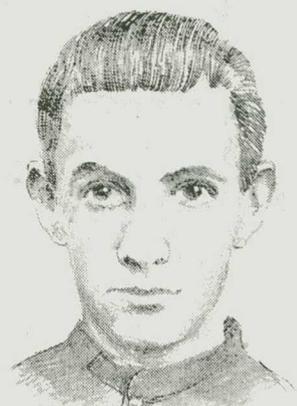
ROS FLORENSA, José María
Torms (Lleida), 29-X-1914.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 21 anos.

De temperamento pacífico, cumpria com diligência e abnegação seus deveres. Edificante na vida do colégio, destacou-se por sua profunda vida espiritual.



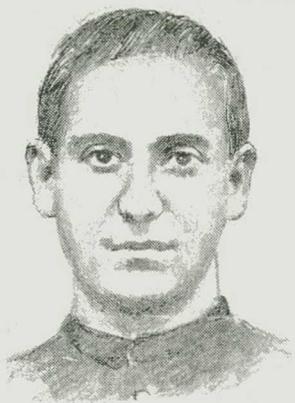
ROURA FARRÓ, Francisco Mª
Sors (Girona), 13-I-1913.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

Foi otimista e criativo, piedoso e sacrificado, com desejos de perfeição para ser um bom apóstolo no ministério da Palavra. Seu último desejo foi: "Viva Catalunha Católica!"



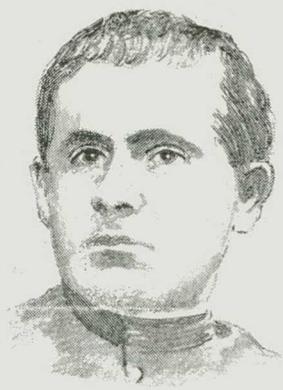
RUIZ DE LARRINAGA G., Teodoro
Bargota (Navarra), 9-XI-1912.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Era muito alegre, aplicado ao estudo, dócil aos superiores e aberto no relacionamento com os demais. Empenhava-se muito em sua formação religiosa e missionária.



SÁNCHEZ MUNÁRRIZ, Juan
Malón (Zaragoza), 5-VI-1913.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 23 anos.

Foi obediente, alegre, piedoso e empenhado no seu ideal missionário. "Com o coração cheio de alegria espero confiante o momento culminante da minha vida: o martírio".



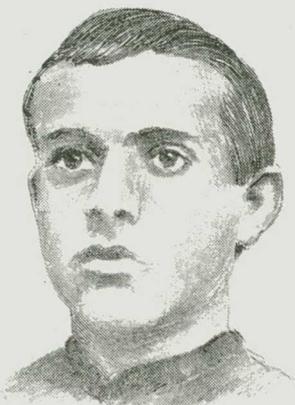
SIERRA UCAR, Nicasio
Cascante (Navarra), 11-X-1890.
†Barbastro, 12-VIII-1936. Sac. 45 anos.

Carinhoso e amável, destacou-se por sua grande devoção à Virgem. Apóstolo da boa imprensa e da palavra. Rezava muito, confessava e preparava bem suas pregações.



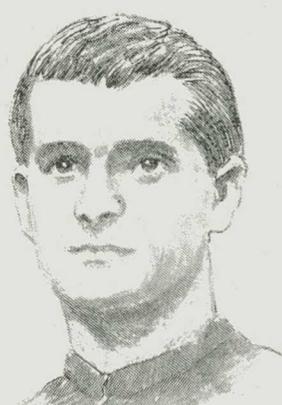
SORRIBES TEIXIDÓ, Alfonso
Rocafort de Vallbona (Lleida), 17-XII-1912.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 23 anos.

De caráter sério, se mostrou sempre humilde e piedoso. Seu último anseio foi: "Senhor, perdoa-lhes; não sabem o que fazem. Virgem Morena, salva Catalunha e sua fé".



TORRAS SAIS, Manuel
Sant Martí Vell (Girona), 12-II-1915.
†Barbastro, 13-VIII-1936. Est. 21 anos.

Humilde e simples, cumpridor de seus deveres e tenaz no estudo. Trabalhava com afinco em sua formação missionária. Era o "benjamim" do grupo.



VIDAURRETA LABRA, Atanasio
Adiós (Navarra), 2-V-1911.
†Barbastro, 18-VIII-1936. Est. 25 anos.

Amável, cordial, paciente e profundamente piedoso, se esforçou em praticar as virtudes religiosas. Desejava aperfeiçoar-se para o apostolado.



VIELA EZCURDIA, Jesús Agustín
Oteiza de la Solana (Navarra), 4-IV-1914.
†Barbastro, 15-VIII-1936. Est. 22 anos.

Piedoso, viveu em especial intimidade com Maria. Escreveu à sua mãe: "Existe glória maior para uma mãe do que poder dizer que seu filho morreu por Deus e pela Virgem?"

Adeus, querida Congregação!

«Querida Congregação:

Antes de ontem, dia 11, morreram, com a generosidade dos mártires, seis dos nossos irmãos; hoje, dia 13, alcançaram a palma da vitória vinte, e amanhã, dia 14, esperamos morrer os vinte e um restantes. Glória a Deus! Glória a Deus! E quão nobre e heroicamente se comportam os teus filhos, Congregação querida! Passamos o dia animando-nos para o martírio e rezando por nossos inimigos e pelo nosso querido Instituto.

Quando chega o momento de designar as vítimas, existe em todos santa serenidade e o desejo de ouvirem o seu nome para colocarem-se na fila dos eleitos; esperamos o momento com generosa paciência, e quando chega, vimos alguns beijarem as cordas que os atavam, e outros dirigirem palavras de perdão ao povo armado; quando vão no caminhão para o cemitério ouvimos os gritos: Viva Cristo Rei!, e as respostas do povo: Morram! Morram!, mas nada os intimida. São teus filhos, Congregação querida, estes que entre pistolas e fuzis se atrevem a gritar serenos quando vão para o cemitério: Viva Cristo Rei!

Amanhã iremos os restantes e já combinamos as palavras de aclamação, mesmo no meio dos disparos, ao Coração da nossa Mãe, a Cristo Rei, à Igreja Católica e a ti, mãe comum de todos nós. Os meus companheiros me disseram que eu devo começar os vivas e que eles responderão. Eu gritarei com toda a força dos meus pulmões, e em nossos clamores entusiastas, adivinha, Congregação querida, quanto amor temos por ti, e te levamos em nossas recordações até estas regiões de dor e de morte.

Morremos todos contentes sem que ninguém sinta desmaios e nem pesares; morremos todos e pedimos a Deus que o sangue que cair de nossas feridas não seja sangue de vingança, mas sangue que entrando vermelho e vivo por tuas veias, estimule o teu desenvolvimento e expansão por todo o mundo. Adeus, querida Congregação! Os teus filhos, mártires de Barbastro, te saúdam desde a prisão e oferecem por ti as suas dolorosas angústias em holocausto expiatório por nossas deficiências e em testemunho do nosso amor fiel, generoso e perpétuo. Os mártires de amanhã, dia 14, se recordam que morrem nas vésperas da assunção, e que lembrança!



Morremos por levar a batina e morremos precisamente no mesmo dia em que a recebemos.

Os mártires de Barbastro e em nome de todos, o último e mais indigno

*VIVA CRISTO REI!
VIVA O CORAÇÃO DE MARIA!
VIVA A CONGREGAÇÃO!
ADEUS, QUERIDO INSTITUTO.
VAMOS AO CÉU ROGAR POR TI,
ADEUS, ADEUS.»*



Faustino Pérez, CMF.

**Cruz comemorativa
aos 20 mártires
claretianos do dia 13
de agosto de 1936,
próximo ao quilôme-
tro três da estrada de
Barbastro a Berbegal.**



antigos ou modernos: aquele estado de oração, a Eucaristia de Catacumbas, seus escritos estremeceadores, seus cantos, seus beijos, sua exultação... Era o auge do seguimento de Jesus; a paixão por sua causa, o Reino — o Reino de Cristo Rei e seu «reinado social» explicitamente —, era o mesmo perdão de Jesus a seus verdugos; a alegria de terem sido chamados «dignos de padecer pelo Nome»; e até a renúncia ao sacerdócio ou ao apostolado, em favor do mártirio prematuro.

«Sofremos por Cristo», repetiam a si mesmos, animando-se. Iam morrer com a batina, como documento de uma «profissão» cegamente odiada pelos perseguidores. Seus parentes deveriam saber que morriam «derramando seu sangue por Jesus Cristo». Por Ele, o Rei do Reino, o único Imperador de suas vidas e do universo, iam à morte, exultantes: «*Criste, morituri te salutant!*». Seguiu-o em tudo, até à morte, havia sido o ideal de sua vocação na vida comunitária diariamente oferecida e o era nessa hora última do martírio comunitário: «*Jesus, já sabes.... Contigo sempre e até morrer... Terei cumprido meu ideal... Por ti, Rei meu, o sangue dar*». O martírio era, e fazia tempo, o galardão sonhado: «Quão feliz eu, se a vida por teu amor puder dar!».

Era seu «*sangue cristão*» que vibrava por sua Rainha e por seu Deus;

todo um hábito de entrega radical, fortalecido pelo clima de heroísmos que as circunstâncias históricas favoreciam singularmente.

O Bispo mártir Romero considerava em dia com fé e com a justiça a sua Igreja de San Salvador porque já tinha sacerdotes e religiosos mártires. Nossos irmãos de Barbastro, mártires com o Bispo mártir da Igreja local, em seu testamento coletivo bendiziam a «*Congregação santa, perseguida e mártir*» cujos destinos seriam eternos «*enquanto tivesse filhos nos cárceres*»; enquanto seus filhos tivessem o seguimento de Cristo com essa radicalidade evangélica que leva à renúncia sempre, à perseguição normalmente e, talvez, ao martírio.

«Memória subversiva», contra toda idolatria e contra todo egoísmo, é a Eucaristia que celebramos. «Subversiva» também há de ser, para a conversão de nossas vidas e a revisão evangélica de nossa missão claretiana, a memória, hoje gloriosa, de nossos Mártires de Barbastro. À luz desse testemunho supremo, deveremos rever

a autenticidade de nosso seguimento de Cristo. Um seguimento que deveria ser radical, na pobreza, pessoal e comunitária: a pobreza real de Jesus e de seus pobres; na vida de comunidade que compartilha a oração e o trabalho, a vivência pessoal e o ministério apostólico; na reestruturação das casas, das obras, das maneiras ministeriais, das prioridades todas da Congregação dentro do «mais urgente e eficaz», em direção das fronteiras da Missão e nas periferias do Mundo.

Somente o *seguimento radical de Jesus Cristo* justifica a existência de uma congregação religiosa.

Que nossos santos irmãos de Barbastro, fiéis até à morte, façam efetiva na «Congregação querida» aquela intercessão que prometeram em seu testamento martirial. Com frutos de vida nova e para a nova evangelização.

D. Pedro Casaldáliga CMF. Bispo de São Félix do Araguaia

A criança, uma reflexão

Angela Damiani

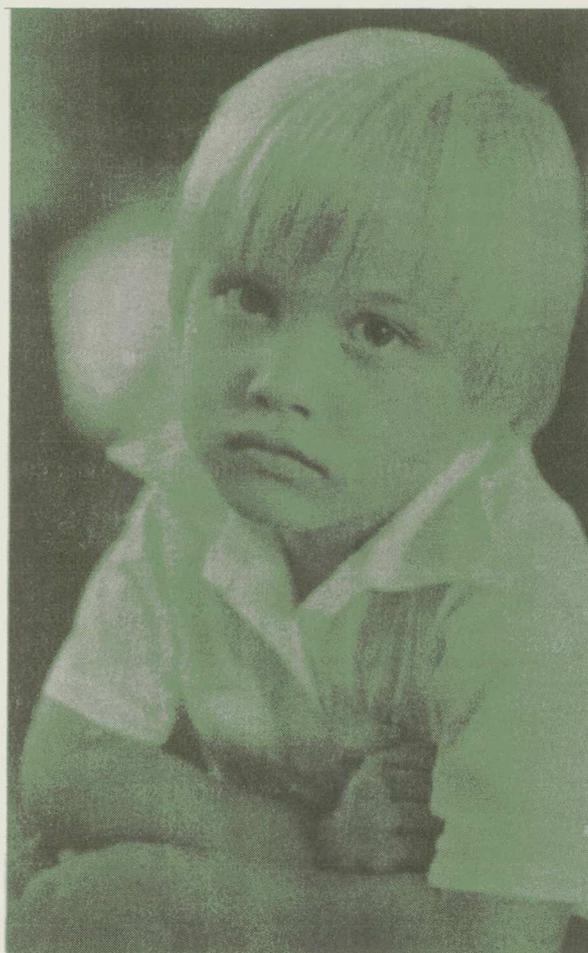
No dia 12 de outubro é comemorado o Dia da Criança. Na verdade, poderíamos dizer que deveria ser comemorado, pois na realidade estamos longe de chegar ao objetivo inicial para o qual esta data foi criada.

Instituído em 1954 por uma resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas, o Dia Universal da Criança estabelecia dois princípios básicos: o educativo e o recreativo, propósitos estes bastante distantes do que se presencia hoje, principalmente nos países chamados de terceiro mundo.

Ao enfocarmos a realidade infantil, constatamos uma série de abusos a que são submetidas as crianças, desde o nascimento até a idade em que aprendem, por si e por dores próprias, a se defenderem.

O direito a um lar, o acesso às escolas, a possibilidade de brincar, o respeito e a dignidade devidos, são direitos inalienáveis que a criança possui. No entanto, não são levados em conta porque o mundo é dirigido por adultos com interesses que levam a se esquecer de que um dia também foram crianças e, como tais, também tiveram fantasias, angústias e sonhos.

Nas cidades do interior, as crianças ainda encontram espaço para o lazer. Podem vivenciar as situações típicas dos adultos, que servirão de referencial para o seu desenvolvimento futuro. Nas grandes cidades, é diferente. As crianças não podem sair à rua por problemas de trânsito, assal-



tos, falta de espaço e de lazer.

Quando se fala em Dia da Criança, a idéia primeira que nos vem à mente é a de presentear com brinquedos e mimos nossos filhos. E nos esquecemos de que o melhor presente ainda é a compreensão, o carinho, o bate-papo.

O significado atual deste dia tem conotação comercial, massificado pelas campanhas de rádio e televisão. A própria criança acaba por entender que o presente é uma exigência, uma obrigatoriedade, criando assim em paralelo um problema que é o das famílias que, não tendo possibilidade

de adquirir estes brinquedos, se sentem no dever de fazê-lo. E farão dívidas acima do permitido acabando por sacrificar itens mais importantes do orçamento familiar. Os mais conscientes tentarão driblar o esquema, elaborando eles próprios os brinquedos ou tentando explicar à criança a real situação, o que, convenhamos, não é nada fácil. O importante é não enganar a criança, prometendo-lhe o que não se pode cumprir depois.

Se esta situação, por si própria, já é constrangedora, o que dizer das crianças que nem sequer tem um lar e uma família? O pior de tudo é constatar que são tratadas pela sociedade como se fossem responsáveis e causadoras da própria situação. Alguém até poderá perguntar: por que tal assunto num artigo sobre o Dia da Criança? Realmente, pouco tem a ver, como também não há coerência dizer

maravilhas sobre a data se analisarmos a atual situação das crianças, vítimas do desmando, agressões físicas e morais, alvo da descarga de frustrações e neuroses dos adultos.

Um lar, carinho, educação para todas as crianças são fatores essenciais para que se comece a ter motivos reais para, aí, sim, comemorar o Dia da Criança. E nós, mães, mulheres, temos muito a ver com isso, uma vez que criança não é apenas um ser que colocamos no mundo. É uma criança, um filho que nos torna mãe e mulher e nos chama muito para a reflexão.

QUERIDO LEITOR

Estamos possibilitando ao leitor nesta seção colecionar receitas sob duas categorias energéticas. Na primeira parte receitas com mais calorias, em outra, receitas com menos calorias. Para compreender melhor estas duas categorias devemos conhecer os significados dos termos caloria e metabolismo. Caloria é a unidade de energia contida no alimento. O nosso combustível. Metabolismo refe-

re-se a queima dessas calorias. Quanto maior a quantidade de caloria assimilada pelo nosso corpo maior a quantidade de energia armazenada. Para perder peso deve-se ingerir menos calorias e aumentar a atividade. Por outro lado, comer menos calorias não quer dizer comer mal, ou pouco. Isso é o que demonstraremos com estas diversidades de receitas.

RECEITAS COM MAIS CALORIAS

Outubro (especialidade do mês: carne)



Comida fria

Bolo frio de carne (8 porções)

Ingredientes:

- 1 kg de carne moída
- 2 colheres (sopa) de manteiga ou margarina
- 1 xícara (chá) de batata crua ralada
- 1/2 xícara (chá) de cebola picadinha
- 2 ovos
- 2 colheres (sopa) de catchup
- 4 colheres (sopa) de maisena
- 2 colheres (sopa) de salsinha picadinha
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 4 ovos cozidos para rechear

Modo de preparar:

1. Misture a carne com a cebola e a salsinha.
2. Agregue a batata crua, o catchup e a manteiga
3. Faça uma mistura com os ovos, a maisena o sal e a pimenta-do-reino e junte-a à mistura de carne, até ficar uma pasta homogênea.
4. Unte uma forma refratária (tipo forma de pão, retangular).
5. Coloque a metade da massa, arrume os ovos cozidos em fila, no meio da fôrma (quando você cortar as fatias sairão decoradas com os ovos).
6. Coloque a outra metade da massa por cima dos ovos.
7. Leve ao forno quente por 40 minutos, espere esfriar, desenforme e corte em fatias e sirva acompanhado de salada de batatas ou a da sua preferência.

Comida quente

Goulash (4 porções)

Ingredientes:

- 700g de alcatra cortada em cubinhos
- 3/4 xícara (chá) de farinha de trigo
- 2 colheres (sopa) de óleo

- 2 cebolas (médias) cortadas em rodelas
- 3 colheres (sopa) de purê de tomates
- 2 pimentões verdes (médios) sem sementes
- 4 tomates sem pele e sem sementes
- 1/2 xícara (chá) de creme de leite
- 2 1/2 xícaras (chá) de caldo de carne.
- 1/4 de colher (chá) de noz-moscada
- Sal e pimenta a gosto
- 1 colher (sopa) bem cheia de páprica.
- 1 colher (sopa) de foinho.
- 1 colher (chá) de caldo de limão

Modo de preparar:

1. Misture a farinha com o sal e a pimenta-do-reino numa tigela e passe os pedaços de carne na mistura, reserve a sobra da farinha.
2. Numa panela (média), aqueça o óleo e frite a carne até ficar bem dourada, retire com uma espumadeira, reserve-a.
3. Na mesma panela frite a cebola por uns 5 minutos, coloque a páprica, o purê de tomates e a noz-moscada, refogue bem. Acrescente a farinha que estava reservada.
4. Coloque novamente a carne na panela, adicione os tomates e os pimentões bem picados (tirinhas), o tomilho e mexa suavemente.
5. Acrescente o caldo de carne e deixe cozinhar até ferver, abaixe o fogo e cozinhe por uns 10 minutos (até a carne ficar bem macia).
6. Misture o creme de leite ao limão (fazendo um creme azedo) e ao momento de servir o goulash, despeje um pouco do creme por cima.
7. Sirva acompanhado de arroz branco.

Sobremesa:

Party Mousse (gelados) (6 porções)

Ingredientes:

- 1/2 xícara de (chá) de abacaxi moído (polpa)
- 1/4 xícara de (chá) de cerejas (marrasquino) picadas
- 1 1/2 colher (sopa) do suco das cerejas
- 2 colheres (sopa) de caldo de limão.

- 1/2 xícara (chá) de açúcar.
- 1 Pitada de sal
- 1 colher (chá) de essência de baunilha.
- 2 xícaras de creme de leite (lata)

Modo de preparar:

1. Bata o creme de leite com a baunilha o açúcar, os sucos de cereja e limão e o sal, até ficar bem suave.
2. Numa tigela misture o abacaxi, e as cerejas, e despeje o creme batido por cima, mexa suavemente.
3. Despeje em taças e ponha na geladeira, por umas 2 horas.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

Comida fria

Gelatina de carne (6 a 8 porções)

Ingredientes:

- 1 envelope de gelatina sem sabor
- 1/2 xícara (chá) de água fria.
- 2 colheres (chá) de caldo de limão.
- 2 colheres (chá) de mostarda (preparada)
- 1 xícara (chá) de maionese light.
- 2 xícaras (chá) de carne picada em cubinhos previamente cozida (lagarto ou da sua preferência)
- 1 xícara (chá) de salsão (aipo) cortado em cubinhos
- 1/2 xícara de cebola picadinha.
- 2 colher (sopa) de salsinha picada.
- 2 colher (sopa) de rabanete picadinho (com casca)
- Sal e pimenta-do-reino a gosto.

Modo de preparar:

1. Dissolva a gelatina água fria, e deixe amolecer; agregue o caldo de limão, e leve ao fogo em banho maria até ficar transparente, sem ferver.
2. Numa tigela coloque a maionese, a mostarda, a cebola, salsinha o rabanete e aipo, e os temperos.
3. Junte a gelatina e a carne, à mistura de maionese, mexa bem.
4. Numa forma de buraco no centro previamente untada com óleo, despeje a mistura e leve a geladeira até firmar.
5. Para servir vire a forma num prato e decore com tomates e folhas de alface.

Comida quente

Strogonoff de carne (4 porções)

Ingredientes:

- 600 g de carne cortada em tiras (alcatra, patinho) previamente cozida numa frigideira de teflón canelada.
- 1 xícara (chá) de cebola picada.
- 1 xícara (chá) de purê de tomates
- 1 xícara (chá) de cogumelos cortados ao meio.
- 1 colher (sopa) de mostarda (preparada)

- 4 colheres (sopa) de leite em pó desnatado, dissolvido em 1 xícara de caldo de carne.
- 2 fatias de pão de fôrma (branco)
- Sal e pimenta-do-reino a gosto.

Modo de preparar:

1. Numa panela de tefal toste a cebola, agregue a carne previamente grelhada.
2. Adicione o purê de tomates, a mostarda, os cogumelos e os temperos.
3. Desmanche o pão no caldo de carne com leite, e acrescente-o à carne deixe engrossar.
4. Sirva acompanhado de arroz branco ou integral.

Sobremesa

Gelatina de maracujá (6 porções)

Ingredientes:

- 1 envelope de gelatina sem sabor
- 5 colheres (sopa) de água
- 1 xícara (chá) de suco de maracujá industrializado sem açúcar
- 1 xícara (chá) de água
- 1/2 colher de sopa de adoçante líquido.
- 2 claras em neve.

Modo de preparar:

1. Dissolva a gelatina nas colheradas de água, seguindo as indicações do envelope.
2. Numa tigela, junte o suco de maracujá, a água e o adoçante, misture bem.
3. Acrescente a gelatina, misture bem e deixe a tigela na geladeira até a mistura começar a ficar consistente (1 hora aproximadamente.)
4. Bata as claras em neve, e despeje sobre a mistura de maracujá, com uma espátula misture bem (sem bater).
5. Coloque em 6 taças, e leve à geladeira por uns 30 minutos (até ficar consistente).

Essas receitas foram elaboradas e testadas por Paulina Alzamora Leyton Juliani.

Será que a gente precisa de vereador?

Chico Whitaker

Em Outubro próximo teremos de novo eleições. Desta vez para prefeitos e vereadores. Andam dizendo que o povo está meio desanimado. Especialmente para eleger vereadores. E que corremos o risco de uma enxurrada de votos brancos e nulos.

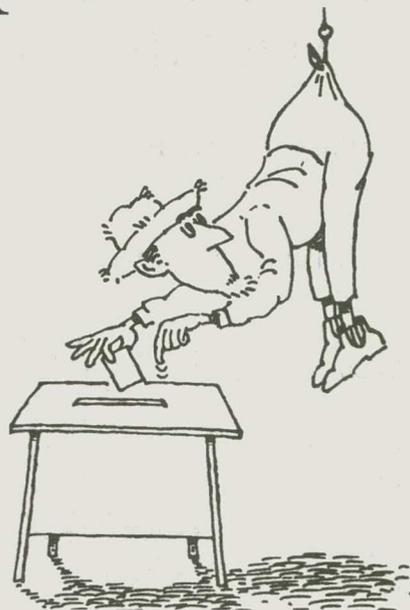
Na verdade, os “políticos” andam bastante desacreditados. Não porque, como se fala dos espanhóis, “se houver governo somos contra”. Mas é que as necessidades desatendidas são muitíssimas. O problema são os recursos para esse atendimento. Com os recursos efetivamente disponíveis, seriam necessários dezenas de anos — sem aumento da população — para obter resultados que mudassem realmente nossas condições de vida. Com o mais eficiente e honesto dos governos, tudo que ele faça sempre se diluirá no mar de necessidades desatendidas que é nossa cidade — e mais ainda nosso país. E nem falemos de medidas e políticas que não dependem nem de prefeitos nem de vereadores, como as referentes à inflação, à oferta de empregos, ao nível dos salários. Não é a toa que tanta gente fica desanimada.

Tudo isso é o resultado de quase quinhentos anos de história, em que o Brasil permaneceu no chamado Terceiro Mundo: o conjunto de países subdesenvolvidos que eram colônias dos países europeus. O subdesenvolvimento se define exatamente pela desproporção entre o número de habitantes e a riqueza global da sociedade e pela dependência em relação à eco-

nomia dos países ricos.

É neste quadro que temos que nos armar de coragem e, em 4 de Outubro, escolher aquele que governará a cidade e aqueles que nos representarão na Câmara Municipal. E exatamente por causa disso temos que nos decidir pelos mais sérios e capazes. Sendo que a seriedade talvez seja a principal qualidade de buscar, neste país em que “só não leva vantagem quem é bobo”... Com recursos tão escassos, pior será se desviarem o dinheiro público para bolsos particulares. Coisa que, infelizmente, também é uma característica de nossa realidade, com exemplos que vem de cima.

Uma das funções do vereador é precisamente a de fiscalizar o Prefeito. Ou seja, para fiscalizar os outros, ele tem que ser ainda mais sério. Além dessa tarefa, o vereador faz leis com validade no Município. Ambas as funções são extremamente importantes. Quanto à fiscalização, nem é preciso argumentar. Quanto à fazer leis, se elas não existirem tudo vira um caos. Por isso todo mundo — inclusive o Prefeito — tem que respeitar as leis. Ora, toda lei é uma espécie de contrato coletivo, e portanto tem que traduzir a vontade da maioria da população. E preciso portanto uma instância, um espaço, no qual representantes de todos os interesses que existem na sociedade sempre conflitantes — se reunam para decidir, através de negociações em que cada um terá que ceder um pouco, qual é efetivamente a vontade majoritária. E esse espaço, no



nível municipal, é a Câmara. Ela atualmente não funciona tão bem assim. Mas é o que deveria ser.

Não é essa, no entanto, a idéia que se tem nem do que deve ser uma Câmara nem do que faça um vereador. Para muitos, vereador é um “político” que pode solucionar problemas, pessoais ou do bairro, na Prefeitura. Uma espécie de despachante. Ou então são aqueles aproveitadores que em época de eleições prometem mundos e fundos, ou distribuem ajudas, um saco de cimento aqui, meio milheiro de tijolos ali, um cascalho acolá, uma camiseta, um calendário, quem sabe uma cesta de alimentos... Por isso mesmo, aos olhos da maioria, não são pessoas que mereçam muita confiança...

O drama é esse: a maioria não sabe o que é um vereador. E na hora de votar nem se dá conta de que está delegando à alguém o poder de decidir em seu nome sobre todos os assuntos que interessam à vida de todos na cidade. Oxalá possamos, nesta próxima eleições, escolher com mais cuidado nossos representantes na Câmara Municipal.

Francisco Whitaker é vereador pelo Partido dos Trabalhadores.

CONVERTER-SE A JESUS NA ALEGRIA

2º domingo do advento

06/12/92

Primeira leitura: Is 11, 1-10.

O profeta Isaías anuncia a vinda do Messias. Ele será descendente de Davi (v. 1), receberá a plenitude do Espírito de Deus. As expressões poéticas usadas pelo Profeta (o lobo com o cordeiro, a pantera com o cabrito (v. 6s) são imagens que invocam a nova época que o Messias deve instaurar na humanidade, onde não haverá rivalidade, nem ódios, nem domínios.



Segunda leitura: Rm 15, 4-9

A Escritura traz esperança para o homem, uma esperança que se confirma em Cristo. O centro da esperança cristã é a união no amor fraterno. A sua realização é dom de Deus, e por isso Paulo pede que Ele conceda aos cristãos a graça de perseverar no exemplo de Cristo.

O princípio para construção da unidade está no versículo 7: "Acolham-se uns aos outros como Cristo acolheu a vocês". Acolhimento como aceitação e compreensão.

Evangelho: Mt 3, 1-12

O Evangelho nos apresenta João Batista que veio para preparar os homens para reconhecerem e receberem o Messias. Segundo a expressão de Isaías, citada pelo Evangelista, ele é a voz que clama no deserto, a preparar o

caminho do Senhor (v. 3). Esta preparação é realizada pela pregação (v. 1) e pelo batismo e confissão dos pecados (vv. 5-6).

João critica os fariseus, pois se apresentavam ao batismo sem mudar de vida. O batismo de João (vv. 11-12) é sinal de que as pessoas estão se preparando para o compromisso com Jesus. Ele é que traz o batismo definitivo, e que vai separar os homens, assim como lavrador separa o trigo da palha.

Comentário:

Somos convidados a assumir o compromisso com o mundo novo. A fraternidade exige conversão e penitência.

O apelo que João faz, hoje, a cada um de nós é pessoal e atual. Não importa o que fui, importa o para que sou chamado a ser agora. E é nesta perspectiva que se encontra o Advento: é necessário examinarmos a presença de Deus em nossa caminhada. Deste modo somos incentivados a viver autenticamente os valores cristãos.

A conversão a Deus exige de nós, em primeiro lugar, que reconheçamos o que está errado, e concebamos o propósito de fazer tudo para mudar e pedir perdão através do sacramento da reconciliação. Em segundo lugar, devemos viver a vida que Jesus nos ensina por sua Palavra e exemplo. Isto será a prova de nossa conversão e ato de louvor a Deus. Converter-se a Cristo continua sendo necessário também ao "bom católico". A opção pelo Reino nos convida ao total despojamento, à renúncia de qualquer forma de orgulho. Devemos, pois, abandonar nossa vida egoísta para viver a justiça e a caridade, que o Messias veio ensinar e mostrar.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 7 - Segunda-f.: Is 35, 1-10; Sl 84, 9ab-10.11-12.13-14; Lc 5, 17-26. Dia 8 - Terça-f.: Imaculada

Conceição de N. Senhora: Gn 3,9-15.20; Sl 97, 1.2-3ab.3bc-4; Ef. 1,3-6.11-12; Lc 1,26-38. Dia 9 - Quarta-f.: Is 40, 25-31; Sl 102, 1-2.3-4.8 e 10; Mt 11, 28-30. Dia 10 - Quinta-f.: Is 41, 13-20; Sl 144, 1 e 9.10-11.12-13ab; Mt 11, 11-15. Dia 11 Sexta-f.: Is 48, 17-19; Sl 1, 1-2.3.4 e 6; Mt 11, 16-19. Dia 12 - Sábado: Gl 4, 4-7; Sl 95, 1-2a.2b-3.10; Lc 1, 39-47.

JESUS CRISTO, CAUSA DE NOSSA ALEGRIA

3º Domingo do advento

13/12/92

Primeira leitura: Is 35, 1-6a.10.

O Profeta faz o anúncio da libertação que vem de Deus a todo o povo que esta exilado (v. 4). A ação libertadora de Deus não se restringe somente em mudar o povo de suas terras. Agora chegariam os tempos messiânicos, em que o mal seria vencido: não haverá mais cegos, nem surdos, coxos ou mudos (vv. 5-6). Não haverá obstáculos à felicidade (v. 10).



Segunda leitura: Tg 5, 7-10

Tiago se volta aos "irmãos" pobres, a fim de pedir-lhes paciência na espera do Advento do Senhor. A paciência não é conformismo com a opressão do pecado pessoal e social, mas abertura confiante daquele que espera o Senhor que vem. Não é resignação, mas fruto do amor, vontade de descobrir o outro e tudo fazer para ajudá-lo a libertar-se de tudo o que aliena, o

dinheiro inclusive. Isto exige tempo.

Evangelho: Mt 1, 2-11

Jesus proclama que na sua Pessoa está cumprindo tudo quanto estava escrito acerca do Messias. As obras falam por ele (v. 5). Então Jesus é enviado definitivo de Deus; sua maneira de agir implanta o Reino de Deus. O grande sinal de sua missão divina passa através de sua atividade em favor dos que sofrem, através do anúncio do plano salvador de Deus aos homens, especialmente aos mais pequeninos.

Comentário:

A Boa Nova da Salvação é uma mensagem de alegria. O mundo atual não conhece, absolutamente, esta alegria integral. Há, sem dúvida, alegrias próprias do homem moderno, mas essas alegrias, reservadas na qualidade apenas e alguns, são, geralmente, incertas. O mundo visível não é absurdo, porque Deus o ama e o princípio vivo de seu êxito foi-nos dado no próprio Messias. Jesus comunica uma alegria que é sua e que nele gerou o dom total de si próprio e a perfeita obediência ao Pai; mas recebem esta alegria tão-somente aqueles que, por sua vez, observam o mandamento do amor sem fronteiras.

A alegria do Evangelho é uma alegria que vem do Alto, mas que, ao mesmo tempo, deve brotar do coração do homem: é uma alegria divino-humana, que quer derrubar as barreiras que separam dos outros homens, buscando a fraternidade.

A celebração eucarística constitui um dos terrenos privilegiados onde se deve comunicar e experimentar a verdadeira alegria. Todos, reunidos em torno das duas mesas — da Palavra e do Pão — vivemos, antecipadamente, a salvação do Reino e fraternidade nele contida. Mas tudo isto exige que, em nossa diversidade, nos constituamos

irmãos pela graça de Cristo.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 14 - Segunda-f.: Nm 24, 2-7.15-17a; Sl 24, 4bc-5ab.6-7bc.8-9; Mt 21, 23-27. Dia 15 - Terça-f.: Sf 3, 1-2.9-13; Sl 33, 2-3.6-7.17-18.19 e 23; Mt 21, 28-32. Dia 16 - Quarta-f.: Is 45, 6b-8. 18.21b-25; Sl 84,9ab-10.11.12.13-14; Lc 7, 19-23. Dia 17 - Quinta-f.: Gn 49, 2.8-10; Sl 71, 2.3-4ab. 7-8.17; Mt 1, 1-17. Dia 18 - Sexta-f.: Jr 23, 5-8; Sl 71, 2.12-13.18-19; Mt 1, 18-24. Dia 19 - Sábado: Jz 13, 2-7.24-25a; Sl 70, 3-4a.5-6ab.16-17; Lc 1, 5-25.

ATRAVÉS DE MARIA DEUS VEIO ATÉ NÓS

4º Dom. do Advento

20/12/92

1ª leitura: Is 7, 10-14.

O Profeta, descontente com a atuação do rei Acaz, quer repreendê-lo. O rei, aos olhos do profeta, não era mais digno de ser “filho de Davi”

nem representante de Deus junto ao povo. Daí anunciar a vinda de um outro, mais jovem, chamado à existência e colocado e no trono de Davi, com o nome de “Emmanuel” — Deus conosco. (v. 14).

O Emanuel é um sinal para a fé. Esse Emanuel se realiza perfeitamente em Jesus Cristo, por ser o primeiro homem a escolher com toda a lucidez o bem a fazer e o mal a rejeitar. É o primeiro a só contar com o Pai.



2ª leitura: Rm 1, 1-7

Deus está agindo, mas não sem que seus colaboradores assumam sua responsabilidade. José, descendente de Davi, faz com que o Filho de Deus nasça filho — descendente — de Davi, conforme as Escrituras. Ele não precisa recluir em tomar Maria por esposa. Ela se tornará mãe do Emanuel, pelo poder do Espírito Santo de Deus (Deus que age). Assim, humanamente falando, Jesus é filho de Davi, e, pela obra do Espírito Santo em Maria, ele é Filho de Deus.

Evangelho: Mt 1, 18-24

A promessa de Isaías se vê realizada em Mateus, que vê em Jesus o Emanuel. O nascimento de Jesus é precedido por um ambiente vivido por José e Maria. Como Maria, na anunciação, aceitou a mensagem de Deus, também José aceita com a fé o sinal. O Pai confia ao seu cuidado, juntamente com Maria, aquele que ela vai dar à luz.

Comentário:

Tempo de Advento: tempo de vigília. Tempo de espera, de escuta e de resposta. Não é comemoração de um passado. É uma proposta a nossa espiritualidade para o tempo presente, no coração de uma sociedade e de uma Igreja que sofre, esperando a libertação.

Dizendo seu sim, Maria concebeu a libertação. Chegando o tempo, deu à luz esta forma de salvação: Jesus Cristo, cheio de graça e verdade.

De nosso sim depende o nascimento de Deus na sociedade e na Igreja, hoje. Nosso sim com este corpo, com esta carne, com estas aspirações e problemas, e com esta ânsia de felicidade.

Maria é o símbolo do Advento porque soube ser irmã, amiga, solidária, disponível e serviçal. Através des-

tes gestos e atitudes comunicava e revelava o mistério do amor de Deus.

Maria é a verdadeira morada de Deus entre os homens. Deus, pois, não mais habita num templo de pedras, mas em pessoas vivas. Seguindo Maria, cada cristão é, no mundo, sinal de presença de Deus. São as nossas atitudes na vida e nossos engajamentos — e não mais as pedras — que edificam a habitação divina na terra.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 21 - Segunda-f.: Ct 2, 2-14 ou Sf 3, 14-18a; Sl 32, 2-3. 11-12.20-21; Lc 1, 39-45. Dia 22 - Terça-f.: 1Sm 1, 24-28; Cântico: 1Sm 2, 1.4-5.6-7.8abcd; Lc 1, 46-56. Dia 23 - Quarta-f.: Ml 3, 1-4. 23-24; Sl 24, 4bc-5ab.8-9.10 e 14; Lc 1, 57-66. Dia 24 - Quinta-f.: 2Sm 7, 1-5.8b-12.14a.16; Sl 88, 2-3.4-5.27 e 29; Lc 1, 67-79. 25 - Sexta-f.: Is 9, 1-6; Sl 95, 1-2a.2b-3.11-12.13; Tt 2, 11-14; Lc 2, 1-14; Is 62, 11-12; Sl 96, 1e 6.11-12; Tt 3, 4-7; Lc 2, 15-20; Is 52, 7-10; Sl 97, 1.2.3ab.3cd.4.5-6; Hb 1, 1-6; Jo 1, 1-18. Dia 26 - Sábado: At 6, 8-10; 7, 54-59; Sl 30, 3cd.4.6 e 8ab. 16bc e 17; Mt 10, 17-22.

SAGRADA FAMÍLIA: JESUS, MARIA E JOSÉ

27/12/92

1ª leitura: Eclo 3, 3-7.14-17a

O tema fundamental deste livro é a busca da verdadeira sabedoria que se confunde com prática do temor de Deus. De fato não se



pode separar uma da outra. Este texto nos ensina que esta sabedoria, este temor de Deus, se manifesta também no respeito de um filho para com seus pais.

Não faltam neste trecho por menores tão humanos e concretos como: ajudar os pais na velhice, ou respeitá-los, mesmo quando diminuídos na sua faculdade mental. São atitudes que radicam no amor que une os pais aos filhos e os filhos aos pais. E esse amor vem de Deus. Não cultivar esses sentimentos, descuidar destes deveres, significa esquecer o mandamento de Deus, negar-se ao Senhor que se comunica ao homem através dos pais.

2ª leitura: Cl 3, 12-21.

Paulo, descrevendo a paz e a união que o amor em Cristo estabelece entre os fiéis, aplica-os a vida familiar. Na família deve reinar este espírito do amor em Cristo, em todas as direções: esposa-marido e vice-versa; filhos-pais e vice-versa. É esse o clima que vai penetrando e cristianizando as relações conscientes de que são povo de Deus, escolhido e amado.

Evangelho: Mt 2, 13-15.19-23.

O texto nos mostra como a família de Jesus se insere no drama humano e vive na escuta da Palavra de Deus e na obediência a ela.

O anjo do Senhor (v. 13) é o enviado e o arauto de Deus, um modo de apresentar o próprio Deus. O evangelista quer frisar que Jesus está ligado ao destino da história de Israel. Ele vai para o Egito, a fim de ser chamado para a liberdade e para ser o libertador.

Comentário

A evocação da vida oculta de Jesus em Nazaré convida-nos a refletir, à luz da fé, no significado e na

verdadeira conjuntura das realidades e estruturas que modelam uma vida humana. De modo especial sobre a família. Jesus em tudo compartilhou da condição comum, vemo-lo passar diversos anos no seio da família e ali deixar-se modelar pela esperança de Israel; a cada instante, porém, a norma que determina sua conduta é a vontade do Pai.

Cristo jamais considerou a própria família como um absoluto. Mas os assuntos de seu Pai e do Reino que ele vinha instaurar em seu nome é que constituíam o absoluto de sua vida. A única realidade familiar que possa exigir um devotamento total é da família do Pai, aberta a todos os homens sem distinção de raça, sexo ou condição social. A existência terrena de Jesus desenrolou-se sob o signo do amor universal que vai até a doação de sua vida.

O supremo critério da vida familiar de ser procurado na prática da caridade, que é a verdadeira fonte da unidade familiar. Esta caridade só é válida se sua fronteiras forem as do Reino da fraternidade universal. A vida familiar só pode ser vivida com autenticidade, se for uma vida aberta, senão corre o risco de fechar-se em si mesma.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 28 - Segunda-f.: 1Jo 1, 5-2, 2; Sl 123, 2-3.4-5.7b-8; Mt 2, 13-18. Dia 29 - Terça-f.: 1Jo 2, 3-11; Sl 95, 1-2a.2b-3.5b-6; Lc 2, 22-35. Dia 30 - Quarta-f.: 1Jo 2, 12-17; Sl 95, 7-8a.8b-9.10; Lc 2, 36-40. Dia 31 - Quinta-f.: 1Jo 2, 18-21; Sl 95, 1-2.11-12.13; Jo 1, 1-18

Assine a Revista
AVE MARIA
9 (011) 66-2128

Telefone a cobrar

Epifania do Senhor

03/01/93

1ª leitura: Is 60, 1-6.

A cidade de Jerusalém está em fase de reconstrução depois de ter sido destruída por Nabucodonosor em 586 a.C. Aos olhos do povo, ela não parece que irá readquirir o antigo esplendor. A cidade tem o seu altar, mas falta-lhe o templo e uma população mais numerosa, sinais de paz e de prosperidade.



Surge o profeta com um grito de esperança: “levanta e resplandece” (v. 1). Este capítulo evoca a esperança de um tempo novo, quando o consolo e o reconforto acontecerão, as lágrimas serão enxugadas, terminará o cativeiro e surgirá nova luz.

Jerusalém é apresentada como a luz que se opõe às trevas, precisamente porque nela brilha a glória do Senhor, isto é, nela habita o Senhor. A presença do Senhor, como luz, é unificadora de todos os povos. Para ela são atraídos todos os filhos e filhas de Sião e todos os povos. Mas a condição primeira para recebermos esta “luz” é o despojamento total de si, mediante um coração aberto e disponível para acolher a palavra do Senhor da vida e da história. Seria esse um ponto fundamental para reflexão que poderíamos extrair do texto.

2ª leitura: Ef 3, 2-3a.5-6.

As promessas do Antigo Testamento se dirigem a Israel. Mas Deus vê mais longe. Isso, já os antigos profetas sabiam; mas o judaísmo esqueceu. Até Paulo aprendeu com surpresa: a revelação do grande mistério, de que também os gentios são chamados à

paz messiânica, e a revelação de sua missão pessoal, de levar essa Boa Nova aos pagãos. Podemos dizer, portanto, que a revelação não é privilégio de uns poucos, mas de todos que formamos um único povo e acolhemos o anúncio trazido por Jesus Cristo.

Evangelho: Mt 2, 1-12.

O Evangelho de Mateus nos apresenta o Messias da fé, o Messias universal, não acolhido dentro de fronteiras geográficas. Ele veio para restaurar o que estava perdido e depois enviou seus discípulos a continuarem sua obra, tornando todas as nações discípulas dele. Portanto, no novo povo de Deus, não importa ser judeu ou gentio, mas importa a fé. De fato, o texto é um exemplo de vocação à fé; os magos — astrólogos — são chamados por meio de uma estrela, único meio à sua disposição; Herodes e os sacerdotes, através do testemunho dos magos e da Escrituras. Mas como é diferente o modo de reação perante a mesma realidade...

Comentário:

Da liturgia de hoje poderíamos extrair diversos pontos para reflexão. Poderíamos focar a atitude dos magos de saírem em longa peregrinação à procura de Jesus nos questionando sobre nossa abertura que implica renúncia de pressupostos, de condicionamentos, de fechamento ao outro, etc., para reconhecer o Cristo que vem a nós... Poderíamos focar a questão da universalidade da mensagem de Jesus que está acima de “fronteiras”, muitas vezes criadas por nós para acomodá-las as nossas idéias, numa cosmovisão... Poderíamos meditar sobre o lugar (que reflete a condição social) em que Jesus nasceu para percebermos nisso (e em toda vida de Jesus) que suas opções são bastante claras e que muitas vezes tentamos

“amenizá-las”, pois é mais cômodo... Enfim, guiados por essa “luz” que continuamente brilha, peçamos a Jesus que nos dê um coração aberto para acolhermos sua mensagem de salvação e darmos contribuição pela construção de uma nova humanidade.

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA: Dia 04 - Segunda-f.: **1 Jo 3, 21-4, 6; Sl 2; Mt 4, 12-17.23-25.** Dia 05 - Terça-f.: **1 Jo 4, 7-10; Sl 72(71); Mc 6, 34-44.** Dia 06 - Quarta-f.: **1 Jo 4, 11-18; Sl 72(71); Mc 6, 45-52.** Dia 07 - Quinta-f.: **4, 19-5, 4; Sl 72(71); Lc 4, 14-22a.** Dia 08 - Sexta-f.: **1Jo 5, 5-6.8-13; Sl 147; Lc 5, 12-16.** Dia 09 - Sábado-f.: **1Jo 5, 14-21; Sl 149; Jo 3, 22-30.**

PADRES DE SION



**JOVEM,
SION É UM CAMINHO
DE REALIZAÇÃO
VOCACIONAL**

**ENTRE EM CONTATO
CONOSCO.**

**SECRETARIADO
VOCACIONAL DE
SION**

Rua Lino Coutinho, 444
CEP 04207 - Ipiranga, SP
Tel.: (011) 637489

PROJETO de DEUS



DEUS
ME AMA

ANTES DE EU NASCER

"COM AMOR ETERNO
EU TE AMEI"
(Jr 31,3)

NO SEIO DA MÃE

"DESDE O SEIO
MATERNO DEUS
ME CHAMOU,
DESDE O VENTRE
DE MINHA MÃE
PRONUNCIOU MEU
NOME." (Is 49,1)

"DEUS É AMOR"
(Jo 4,16)

DURANTE
A VIDA

"EU TE TOMEI
PELA MÃO"
(Is 42,6)

DEUS ME CHAMA

JUQUINHA!!!
JUQUINHA!!!

"EU TE CHAMEI
PELO NOME"
(Is 43,1)

"SEDUZISTE-ME, SENHOR,
E EU ME DEIXEI SEDUZIR."
(Jr 20,7)

"VEM E
SEQUE-ME"
(Mt 9,9)

DEUS ME CONSAGRA

NO BATISMO

"IDE E BATIZAI
EM NOME DO PAI,
DO FILHO, E DO
ESPÍRITO SANTO."
(Mt 28,19)

NO MATRIMÔNIO

"O QUE DEUS UNIU,
QUE O HOMEM
NÃO SEPRE."
(Mt 19,6)

NO SACERDÓCIO

"TU ÉS
SACERDOTE
PARA SEMPRE."
(Heb 7,17)

NA VIDA
RELIGIOSA

"EU ME CONSAGRO
PARA QUE SEJAM
CONSAGRADOS
NA VERDADE"
(Jo 17,19)

DEUS ME ENVIA

A SER COMUNIDADE
VOS SOIS IRMÃOS"
(Mt 23,8)

ANUNCIANDO
O
EVANGELHO

A SER
SERVIÇO

"O MAIOR
SERÁ AQUELE
QUE SERVE."
(Mt 23,11)

AMANDO A
JUSTIÇA
ODIANDO A
OPRESSÃO

A SER HOMEM
DE ORAÇÃO
E AÇÃO

"ORAI
SEM CESSAR."
(1 Tess 5,17)

SERVINDO
À IGREJA

CMF

A SER MISSIONÁRIO

"IDE PELO MUNDO,
PROCLAMAI A
BOA NOVA A TODOS."
(Mc 16,15)

E AO
REINO de DEUS

E VOCÊ?
GOSTOU DO PROJETO DE DEUS?

VOCACIONES MISSIONARIAS CLARETIANAS — SECRETARIADO
AV. UM (FIM) TEL.: (0195) 24.2048 - CX. POSTAL 136 — CEP 13503-200 RIO CLARO, SP

Crônicas

Os livros das Crônicas foram escritos depois do exílio dos hebreus na Babilônia. O cronista tenta demonstrar que a unidade religiosa mantém vivas as raízes, a coesão e as esperanças de um povo. Em I Crônicas quer provar que a história humana converge na direção do culto e do templo, instituídos por Deus para reinar na terra. Os livros das crônicas são, em parte, complementação dos livros ISm, II Sm, IRs e IIRs chamados (Paralipômenos).

Encontre as palavras pedidas nos versículos indicados de I Crônicas e transporte as letras ao número correspondente no diagrama abaixo. Ao completar Saberá como os hebreus celebravam ao Senhor.

Obs: As citações foram extraídas da Bíblia da Ave Maria.

P A R A L I P Ô M E N O S — “coisas omitidas”

66 2 114 33 88 20 101 13 72 53 77 95 82

— (26, 29) da família de Isaar.

74 107 5 38 61 91 94 42 100

— (16, 6) pacto de amor e fidelidade entre Deus e seu povo

41 70 6 113 28 79 36

— (17, 19) centro dos sentimentos morais (fig.)

35 80 17 7 48 73 58

— (9, 14) da tribo de Levi; assistiam os sacerdotes no templo.

118 16 116 40 22 71 108

— (23, 1) filho de Davi, famoso pela sua sabedoria.

9 115 45 102 112 93 104

— (1, 45) substitui no trono.

43 85 31 23 96 56 63

— (18,1) incorporadas, ligadas.

47 111 81 64 26 98

— (6, 1) primeiro filho de Levi.

87 54 67 111 8 21

— (2, 1) pai dos chefes das doze tribos israelitas.

32 105 25 110 10 55

— (29, 1) a respeito

51 109 86 57 15 68

— (9,20) Deus

76 65 3 119 50 14

— (16, 18) a terra prometida

1 106 30 78 44

— (11, 13) existia

12 92 46 24 75

— (20, 3) totalidade; fem. pl.

4 97 39 83 59

— (13, 7) caixa portátil para guardar as tábuas da lei

120 18 69 49

— (3, 1) o rei escolhido por Deus

37 19 103 34

— (28, 18) metal amarelo muito brilhante

99 52 90 89

— verbo SER — Presente do Indicativo 2ª pessoa pl.

84 62 117 121

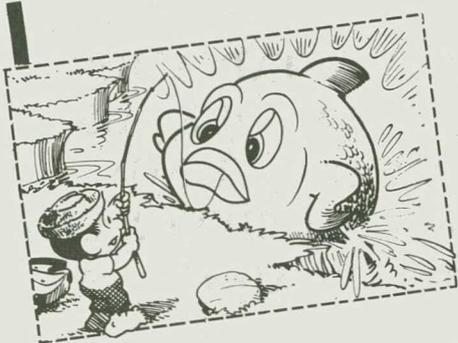
— pronome possessivo — 2ª pessoa fem. pl.

60 29 27

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19				
20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42
43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65
66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86		
87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105				
106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	S	121						

(IICron 16, 23-24)

DIVERTIMENTOS



Quadrinhos

A PESCA DO CHICO ESTÁ UM POUCO DESORGANIZADA. VAMOS, ENTÃO, COLOCAR EM ORDEM ESSES QUADRINHOS COM COMEÇO, MEIO E FIM, DANDO UMA SEQUÊNCIA LÓGICA A ELES?

775

Descubra 7 erros



Salada de Frutas

A	B	A	C	A	X	I	X	M
B	A	N	A	N	A	Z	M	E
A	P	A	J	N	A	R	A	L
C	E	X	U	V	A	X	Ç	A
A	R	Z	X	R	O	M	Ã	N
T	A	A	B	A	I	O	G	C
E	P	E	S	S	E	G	O	I
M	O	R	A	N	G	O	Z	A

DESCUBRA NO DIAGONAL 13 NOMES DE FRUTAS

UM DESSES COELHOS É DIFERENTE. QUAL?



Resp.: n.º 5

SOL 7 ERROS: BIGODE, ESPINGARDA, GOLA DO CHICO, MACA, FLORES À ESQ., PÉ DO CHICO, SOMBRA

O QUE VOCÊ VAI DIZER QUANDO O MENINO JESUS CHEGAR?

O NATAL JÁ SE APROXIMA! E COMO GOSTARÍAMOS DE ESTAR PRÓXIMOS DE TODOS AQUELES QUE NOS SÃO CAROS! COMO ABRAÇAR A TODOS QUE NOS ACOMPANHARAM DURANTE O ANO? ISSO É POSSÍVEL? CLARO! COM CARTÕES DE NATAL, SEU RECADO "CHEGA LÁ"...

Atendemos pelo correio pedidos de, no mínimo 10 cartões. O pagamento pode ser feito por CHEQUE ou VALE POSTAL pagável na Agência do Correio "Santa Cecília", São Paulo, SP

• Preço de cada cartão:
Cr\$ 4.000,00

OBS: Cada cartão vem acompanhado de envelope.

TABELA DE DESCONTOS

pedidos acima de 50 cartões 10 % de desconto
pedidos acima de 150 cartões 15 % de desconto

pedidos acima de 300 cartões 20 % de desconto
pedidos acima de 600 cartões 30 % de desconto

Reúna os pedidos de amigos para conseguir maiores descontos!



SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Caixa Postal 6226 — CEP 01064-970 — São Paulo - SP

CARTÃO DE NATAL	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS	CARTÃO DE NATAL	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
Nº 08cartões	Nº 94cartões
Nº 89cartões	Nº 95cartões
Nº 80cartões	Nº 101cartões
Nº 10cartões	Nº 102cartões
Nº 92cartões	Nº 104cartões
Nº 93cartões	Nº 103cartões

Preencha os quadradinhos corretamente.
Esse pedido é válido até 30 de novembro de 1992.

Nome

Endereço.....

.....

Cidade

CEPEstado.....

Assinatura

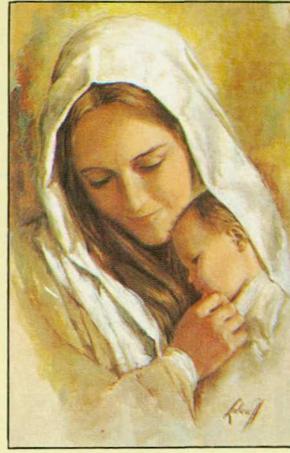
Data...../...../.....



N° 08



N° 89



N° 80



N° 10



N° 92



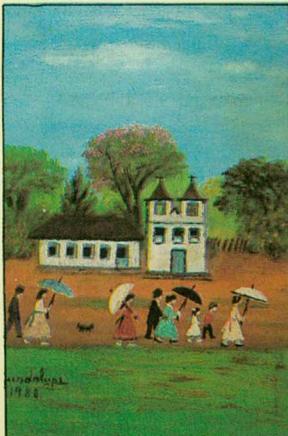
N° 93



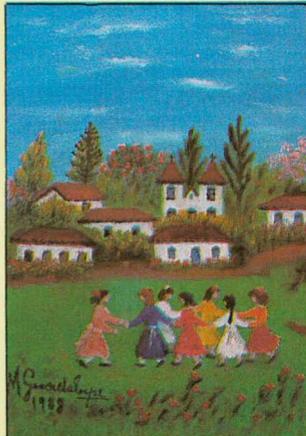
N° 94



N° 95



N° 101



N° 102



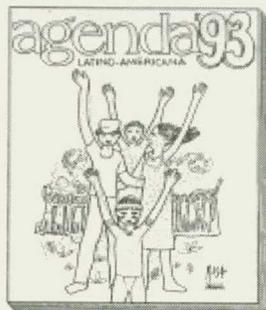
N° 104



N° 103

“AS GRANDES CAUSAS DA PÁTRIA GRANDE”

uma
agenda
especial



para um
tempo
muito
especial

A Agenda Latino-americana, 93 não é um simples papel pautado para anotações. Pretende ser na verdade uma combinação dosada de:

— **agenda**, prática, agil, bem diagramada, simples, econômica;

— **antologia**, recolhendo o melhor da mística latino-americana, na ampla pluralidade de suas dimensões;

— **vademécum**, como “livro de cabeceira” do qual se anda, ao qual se volta para se alimentar. Não é um simples livro para se ler e guardar.

— **ferramenta pedagógica**: um arquivo de materiais úteis para educadores populares, comunicadores, professores, animadores de grupos, agentes de pastoral, intelectuais...

Em muitos lugares, a Agenda Latino-americana, 92, publicada em 9 países, converteu-se no “livro-presente” de Natal e Ano Novo.

Agenda, para este ano de 1993, centraliza-se nas “Grandes Causas da Pátria Grande”, , principalmente:

a Causa Popular, a Causa da Mulher e a Ecologia.

Uma agenda verdadeiramente internacional, produzida em treze países da América Latina, em três Continentes e em quatro idiomas. É a única em seu gênero. Contém o martiriológico latino-americano, as efemérides latino-americanas e um pensamento para cada dia, além de textos e materiais para reflexão ou trabalho de educação popular. Um veículo de comunhão — no espírito e na esperança — entre todos os que vibram com “as grandes causas da Pátria Grande”, que definem nosso ser, nossa utopia, nossa solidariedade latino-americana.

**PEDIDOS AO
SECRETARIADO
VOCACIONAL CLARETIANO**
Tel.: (011) 66-2128 Caixa Postal 6226
CEP 01064-970 São Paulo, SP.

AMM

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS.: 66-2128 E 66-2129
CX. POSTAL 6226 - CEP 01064-970 — SÃO PAULO - SP

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/81

IMPRESSO